

Vale-Jupits

Este livro vale 4 jupits

Para ativar as jupits do seu livro scanize com o seu telefone o código em baixo ou siga as instruções manuais. Faça o scanner do código através de uma das aplicações da Jupiter Editions. Não é necessário instalar obrigatoriamente nenhuma aplicação, podendo converter as jupits em alternativa no site da Jupiter Editions através da Conta Jupiter ou enviar um email, seguindo as instruções.



O seu livro é um passaporte.

O seu passaporte vale em toda a sociedade Jupiter e perante os parceiros da sociedade Jupiter

Política de Privacidade

Quando comprou o livro, o leitor teve de consentir que a Jupiter Editions armazenasse os dados pessoais como o email e telefone para efeitos de comunicação e gestão da Conta Jupiter e emissão do Cartão Jupiter com os dados do leitor. A Jupiter Editions protege os seus dados. A qualquer momento poderá enviar um email para manager@jupitereditions.com com o código-assunto “DATA” exercendo o seu Direito ao Esquecimento, solicitando o apagamento dos seus dados no nosso sistema informático ou solicitando a portabilidade dos seus dados conforme a nossa Política de Privacidade que pode ser consultada online em www.jupitereditions.com

PROMOTORES

Compre um livro. Se gostar e quiser promovê-lo, nós devolvemos o seu dinheiro.

Seja um agente da Jupiter Editions. Celebre conosco um contrato de promoção ou agência. Entre em [contato](#)

Se impulsionar 3 vendas a Jupiter Editions devolve imediatamente o seu dinheiro mesmo que não tenha celebrado um contrato de promoção ou de agência. Para tal, deverá pedir aos seus amigos/ familiares/ colegas/ conhecidos/ clientes que escrevam o seu nome no momento da compra e entrar em contacto através do email jupitereditions@jupitereditions.com com o assunto “PROMO3” para devolvermos o seu dinheiro.

Para celebrar connosco um contrato promocional ou de agência entre em contacto através do email manager@jupitereditions.com

* Esta página pode ser sua *

Se é um surfista, bodyboarder, ator, modelo, músico, pintor, ou empresário em nome individual ou um anunciante ou tem uma empresa ou um produto ou uma marca, ou está a tentar vender a sua imagem ou a sua voz ou o seu talento ou a sua paixão que siga um verdadeiro capitalismo verde inteligente dos recursos, esta página pode ser sua. Para anunciar nesta página, fale com a Jupiter Editions através do email publisher@jupitereditions.com. A Jupiter Editions apoia as ideias, projetos, talentos, paixões e anúncios ecológicos e sustentáveis. Uma ideia sustentável Jupiter Editions©

TRADUTORES

Se gostaria de traduzir um dos nossos livros em uma das nossas 12 línguas, entre em contacto

Um tradutor da Jupiter Editions fica com direitos de autor sendo pago mensalmente com as vendas do mês. Um tradutor da Jupiter Editions pode ficar com uma percentagem de até 12% do lucro líquido da venda de cada livro.

A Jupiter Editions dá sempre preferência, para além dos tradutores certificados, aos estudantes universitários ou artistas ou desportistas profissionais que tenham nascido num país com a língua mãe de umas das 12 línguas ou sejam nativos estrangeiros da língua-alvo em que se propõem traduzir, desde que comprovem que dominam a língua e que são capazes de fazer a tradução e a revisão.

* Esta página pode ser sua *

Se é um surfista, bodyboarder, ator, modelo, músico, pintor, ou empresário em nome individual ou um anunciante ou tem uma empresa ou um produto ou uma marca, ou está a tentar vender a sua imagem ou a sua voz ou o seu talento ou a sua paixão que siga um verdadeiro capitalismo verde inteligente dos recursos, esta página pode ser sua. Para anunciar nesta página, fale com a Jupiter Editions através do email publisher@jupitereditions.com. A Jupiter Editions apoia as ideias, projetos, talentos, paixões e anúncios ecológicos e sustentáveis. Uma ideia sustentável Jupiter Editions©



CASTING

Mostre o seu talento no casting de seleção de atores para a transformação do livro 2080 de Antoine Canary-Wharf em filme. Brevemente.

CINEMA E REALIZAÇÃO

Para participar no casting de curtas e longas metragens das cenas do livro 2080 de Antoine Canary-Wharf bastará apresentar à entrada o livro 2080 de Antoine Canary-Wharf ou ter um livro-bilhete SIX OFF THE RECORD.

A entrada no casting sem a posse do livro 2080 de Antoine Canary-Wharf ou do livro-bilhete SIX OFF THE RECORD poderá ser admitida com o pagamento de uma contrapartida até 50€.

A Jupiter Editions dá sempre preferência a novos atores. Para este casting procuram-se algumas personagens que tenham skills de surf e bodyboard e falem alemão/ holandês/ espanhol/ inglês.

Quem vem em cadeira de rodas passa sempre à frente, porque a personagem principal pode, de repente, ir parar a uma cadeira de rodas!

* Esta página pode ser sua *

Se é um surfista, bodyboarder, ator, modelo, músico, pintor, ou empresário em nome individual ou um anunciante ou tem uma empresa ou um produto ou uma marca, ou está a tentar vender a sua imagem ou a sua voz ou o seu talento ou a sua paixão que siga um verdadeiro capitalismo verde inteligente dos recursos, esta página pode ser sua. Para anunciar nesta página, fale com a Jupiter Editions através do email publisher@jupitereditions.com. A Jupiter Editions apoia as ideias, projetos, talentos, paixões e anúncios ecológicos e sustentáveis. Uma ideia sustentável Jupiter Editions©



CASTING

Vamos adaptar o livro *O Deus Tecnológico* de Simão Roncon-Oom para teatro. Traga o seu livro para o casting de seleção de atores e suba ao palco. Brevemente.

TEATRO E REPRESENTAÇÃO

Para participar no **Casting – O Deus Tecnológico de Simão Roncon-Oom** bastará apresentar à entrada o livro *O Deus Tecnológico* de Simão Roncon-Oom ou um livro-bilhete SIX OFF THE RECORD. A entrada sem a posse de um dos livros poderá ser admitida com um custo de até 30€.



CASTING

Encarne as personagens d'O Algoritmo do Amor de Jaime Maria Bayamonde da Costa Ayala no casting de seleção de atores para a representação teatral do livro. Brevemente.

Para participar no **Casting – O Algoritmo do Amor** bastará apresentar à entrada o livro *O Algoritmo do Amor* de Jaime Maria Bayamonde da Costa Ayala ou um livro-bilhete SIX OFF THE RECORD. A entrada sem a posse de um dos livros poderá ser admitida com um custo de até 50€.

* Esta página pode ser sua *

Se é um surfista, bodyboarder, ator, modelo, músico, pintor, ou empresário em nome individual ou um anunciante ou tem uma empresa ou um produto ou uma marca, ou está a tentar vender a sua imagem ou a sua voz ou o seu talento ou a sua paixão, que siga um verdadeiro capitalismo verde inteligente dos recursos, esta página pode ser sua. Para anunciar nesta página, fale com a Jupiter Editions através do email publisher@jupitereditions.com. A Jupiter Editions apoia as ideias, projetos, talentos, paixões e anúncios ecológicos e sustentáveis. Uma ideia sustentável Jupiter Editions©

**Este demo está protegido e reserva
todos os Direitos de Autor.**

**A obra deste demo foi iniciada no
dia 25 de outubro de 2019 e foi
registada no dia 14 de fevereiro de
2020.**

A 1ª Ordem de Impressão da 1ª Edição *O Algoritmo do Amor* de Jaime Maria Bayamonde da Costa Ayala tem 760 páginas

**Se neste momento, por algum
motivo, não puder comprar o livro
do autor, a Jupiter Editions sugere
que faça um donativo ao autor para
o IBAN**

PT50 0010 0000 58544220001

ou MB WAY 965108603

**O seu donativo é muito importante
para proteger a qualidade de
escrita do autor e não deixar o
espírito do autor morrer.**

**Não deixe o espírito deste autor
morrer.**

**Está nas suas mãos não deixar o
espírito deste autor morrer.**

**Faça um donativo ao autor para o
IBAN**

PT50 0010 0000 58544220001

ou MB WAY 965108603

A Jupiter Editions apostou em 9 livros de novos 9 autores.

O principal objetivo do donativo é a proteção da qualidade de escrita.

Por defeito, se os donatários nada disserem sobre o destino a dar, o donativo será 99% para os autores, cabendo 11% a cada um dos 9 autores e o 1% remanescente será destinado à filantropia da Jupiter Editions como a Plantação de Árvores, o Combate à Fome ou o Combate ao Lixo. O donativo pode ser feito por conta de qualquer um dos fundos que a Jupiter Editions pretende abrir e desenvolver. O donativo pode ser destinado 100% a um autor ou a uma missão.

O donativo pode ser anónimo, mas a Jupiter Editions sugere ao donatário que se identifique, sobretudo, se financiar a voz de um dos autores, para que o autor possa agradecer em nota pessoal. Basta enviar um email para manager@jupitereditions.com com o assunto DONATING e com o comprovativo da transferência bancária.

Se o donativo for destinado a um autor e se com o comprovativo da transferência for ainda anexada alguma fotografia ou mensagem do donatário, a Jupiter Editions obriga-se a reencaminhar o email ao autor.

Por favor, veja a nossa Política de Privacidade, para saber como é que os seus dados são tratados pela Jupiter Editions.

A Jupiter Editions não cede, nem vende os seus dados a nenhum parceiro.

A Jupiter Editions só pode ceder os dados dos Member Readers que tenham aceiteado que uma determinada empresa ou parceria comunicasse com os Member Readers. Se uma nova parceria for aprovada pelo Centro Ético de Negócios e Parcerias Sustentáveis Para o Futuro, a Jupiter Editions pergunta na Conta Jupiter aos Member Readers interessados em facultar os seus dados à nova parceria, explicando aos Member Readers a importância dessa mesma parceria. Quando as empresas parceiras/ parcerias contactarem os Member Readers, logo no 1º contacto devem anunciar a parceria com a Jupiter Editions, para que o cliente consiga ver com nitidez as parcerias e a sua importância para a sustentabilidade das empresas num mercado altamente competitivo.

O ALGORITMO DO AMOR

**JAIME MARIA BAYAMONDE
DA COSTA AYALA**

Registo n.º 345/2020 **SIIGAC/2020/970** DATA: **2020.02.14**

JUPITER EDITIONS
Print Your Heart with Jupiter Editions©

O ALGORITMO DO AMOR

UMA NOVELA ETERNAMENTE VIVA

JUPITER EDITIONS

Print Your Heart with Jupiter Editions©

**A Jupiter Editions deseja-lhe um bom
serão para se envolver nesta novela.**

Qual a melhor profecia que
Jaime Maria Bayamonde da Costa Ayala
mandou imprimir n' *O Algoritmo do Amor*?

«E ainda há de vir um vírus tecnológico qualquer em 2020, para dar corpo e escopo às profecias literárias (...) que disseram que em 2020 iria aparecer um vírus que disseminaria uma “ínfima” percentagem da humanidade e uma infinita percentagem da economia, capaz de nos assustar a todos como nos assustou o terrorismo e obrigar-nos a ir parar ao Zoom e ao Skype num novo grande zoom. O Zoom nasceu em 2013 e o Skype em 2003. Mas vão parecer, que nasceram em 2020. E nesse *reality show* de dados, em que os próprios governos lutarão para ficar com os dados, porque os próprios governos obrigarão seja pelo Código do Trabalho, que há de vir inventar a obrigatoriedade do teletrabalho obrigando todos os trabalhadores a irem parar ao Zoom sob pena de serem despedidos, seja pelo Regulamento de Avaliação, que há de vir obrigar todos os alunos a irem parar ao Zoom sob pena de chumbarem, alguém ficará com o pacote de dados. Alguém, ficará com a nuvem de dados. Alguém, ficará com a conservação dos dados. Alguém, poderá rebobinar as vezes que quiser. Alguém, poderá congelar a imagem das gravações as vezes que quiser. E num filme já visto, de *2080* de Antoine Canary-Wharf, aparecerão algoritmos que oportunamente detetarão os pedófilos, os psicopatas, os narcísicos, os depressivos, os *borderline*, os esquizofrénicos, os bipolares, os obsessivos, os paranóicos, tudo no mesmo saco de dados, que entraram em sessões tecnológicas pseudo-espirituais,

em chamadas missas virtuais, para compensar o velório que o vírus não deixou fazer, num luto que ainda não fizeram por terem entregue o seu espírito ao novo *reality show*.

E o *reality show* não será, desta vez, só com os pobres económicos, vai ser também com os pobres sociais, que são sociais na sua virtualidade, na sua *ecrânlidade*, que por não saírem daquele ecrã, vão ficar presas e dentro do ecrã. E o *reality show* não será só com os pobres económicos e com os pobres sociais, vai ser também com os pobres espirituais que deixaram a tecnologia agarrar-lhe o espírito, que deixaram a tecnologia roubar-lhes a alma, ficar-lhes com a alma, levar a alma sabe-se lá para que mercado, sabe-se lá analisada por que cientista de dados. Esses novos cientistas de dados, que é como se fossem os novos espíritas, que veem o nosso espírito, porque simplesmente veem tudo, e por isso, é que, sabem tudo! (...).»

Quem é que Jaime Maria Bayamonde da Costa Ayala cita?

«Quem vê as árvores não tem fantasmas à frente dos olhos, porque os fantasmas não assombram aqueles que veem as árvores, porque simplesmente não os conseguem assombrar, e por isso, não me conseguem assombrar. Quem anda com as raízes das árvores e os troncos das árvores gravadas na sua mente, no seu espírito e no seu coração anda sem fantasmas e demónios. Porque nenhum fantasma consegue hackear uma mente, um espírito ou um coração que vê as árvores. Porque a tecnologia desses fantasmas e desses hackers serão sempre inferiores a uma mente cheia de árvores, cheia de oxigénio, a uma mente que mais parece

um arvoredo. Porque são os próprios fantasmas que têm medo desses arvoredos. E por isso, não conseguem hackear nada: nem a mente, nem o espírito, nem o coração.» in *À Velocidade da Luz*, de Gil de Sales Giotto.

«E vi que tinha nascido com o algoritmo da fidelidade instalado em mim. Que era um ser humano e um ser amoroso. Que tinha nascido para estar amorosamente com outro ser humano. Mas só com um ser humano. E que ser fiel não era “não poder estar” com outro cavaleiro, quando andávamos a cavalgar no cavalo do nosso cavaleiro, mas simplesmente “nem sequer estar predisposto para andar” no cavalo senão do nosso cavaleiro. Querer estar só ao colo do nosso cavaleiro que em sábias cavalgadas nos levava para todas as infinitas cavalgadas que teríamos com todos os outros cavaleiros de mundos paralelos. Sentia a força do algoritmo em mim, que me outorgava o nobre feitiço, “um só cavaleiro e até ao teu cavaleiro, um cavaleiro de cada vez.”» in *Cavaleiros Tecnológicos*, de Barac Bielke.

«Eu não conto o lixo que apanho. Não faço lixo desde que nasci. E ando a apanhar os lixos dos outros desde que nasci. Todos os dias que faço praia, apanho toneladas de lixo. (...) Descemos aquela arriba apenascada até lá abaixo à praia (...) para ter a chance de ver e estar naquele paraíso tinha de pagar por isso! Apanhar aquele lixo, era a minha forma de pagamento e agradecimento à Natureza. Mergulhei, mandei uma mariposa, só para dançar na água para o meu namorado e ele a seguir beijar-me (...) Fomos embora a apanhar cada lixo com que nos cruzávamos. As pessoas viram e imitaram-nos. Fui-me embora dali felicíssimo. Nós somos macacos e esponjas-do-mar ao mesmo tempo. Imitamos e absorvemos tudo. As esponjas-do-mar apanham toda a porcaria que os humanos fazem.» in *O Deus Tecnológico*, de Simão Roncon-Oom.

«Talvez, se (...) investires esse tempo a observares e a repares um pouco mais a Natureza, comeces a ver os dados que a Natureza te deixou e talvez numa Internet própria da tua natureza, comeces a querer ligar aquilo que vês, que é a realidade que tens à tua frente. Há animais que possuem um extrema inteligência emocional sócio-afetiva. É essa a minha filosofia! E acho que é lícita e perfeitamente legítima e moral... (...) Já vos disse: não predo nenhum animal que eu saiba que tenha inteligência sócio-afetiva com os da sua espécie ou com a espécie humana. (...) Comia porco até ter sido informado que há quem tenha porcos como animais de estimação, que há porcos que fazem parte da família de humanos, que há porcos que brincam o dia todo com cães, que há porcos que adoram crianças e as defendem como se fossem cães. Evoluí o meu pensamento. Não tenho de ser massacrado, só porque nasci numa família que comia carne de porco e não sabíamos que o porco tinha uma inteligência sócio-afetiva. Soubemos, tivemos essa informação e reagimos a essa informação. Cada um reage à informação como quer. Eu reajo assim. É a minha evolução.» in **Target – A Pegada Digital**, de Ralf Kleba-Kodak.

«Se eu vejo um campo de malmequeres intacto, devo tentar pisar o mínimo possível. Se vejo que já há um carreirinho, seja nesse campo, seja num bosque, ou numa floresta, devo usar esse mesmo carreirinho, não fazendo mais carreirinhos se tomar a mesma direção do carreirinho que já está feito. (...) Subir uma árvore não atenta contra nenhum “direito da árvore”. O que há, é o dever de, nós humanos, reconhecermos algumas inteligências que habitam connosco na Terra. Podemos subir as árvores, dormir nas árvores, namorar nas árvores, desde que não (...) danifiquemos a árvore ou estejamos com ela respeitosamente. Igualmente, se ao caminharmos vírmos um carreiro de formigas, quando os vemos, temos o dever de nos desviar e o dever de não pisar nem o carreirinho de formigas, nem o formigueiro! A mesma coisa como os malmequeres.» in **2080**, de Antoine Canary-Wharf.

«(...) Quando caminhamos com amigos ou com o nosso namorado, é importante estarmos a caminhar com os nossos amigos ou com o nosso namorado. Este foco tem de ser imediato. Estar no café com amigos e estar a pensar em mil outras coisas, é sinal de que devemos imediatamente sair do café. (...) se o nosso cérebro não quer estar ali, devemos dar-lhe razão. Se tivermos um cérebro saudável, podemos dar-lhe razão. (...) O amor repete-se, claro, todos os dias, mas o namoro, dentro do namoro é sempre diferente. O namoro dentro do namoro parece infinito. Posso ir namorar para os mesmos sítios com o meu namorado, mas dizemos sempre coisas diferentes, damos sempre beijos diferentes, (...) Por isto também, é que é importante estarmos verdadeiramente com quem gostamos, com quem amamos, dedicarmos, sem esforço nenhum, o nosso foco a quem amamos. Esse foco tem de ser natural. (...)» in *Paranóide Tecnológica*, de Federico Ferrari.

«“Amo-te” é a palavra-chave que torna o contrato de namoro automático, nem é preciso escrever em lado nenhum, por isso é que é tácito. Dar beijinhos e dizer amo-te é o comportamento concludente para o contrato de namoro. Não é preciso fazer mais nada... Depois é só oficializar o “pedido de namoro”.» in *Jupiter*, de Gabriel Garibaldi.

«Não é demonstração de saúde estar bem ajustado a uma sociedade profundamente doente.» Jiddu Krishnamurti.

«Infeliz do que só tiver amado corpos, aparências, que tudo lhe tirará a morte. Amai as almas se depois da morte as quereis encontrar.» Víctor Hugo.

Siga o autor...

@jaimedacostaayala

O ALGORITMO DO AMOR

**JAIME MARIA BAYAMONDE
DA COSTA AYALA**

Ao Fred.

E à Sara.

Por causa deles, nunca deixei de acreditar no amor.

Por causa deles, sinto em cada segundo amor.

Sinto amor, por causa deles.

Sou feito de amor, por causa deles.

Só e só, por causa deles.

É tudo por causa deles.

CAPÍTULO I

UMA INFINITUDE DE DADOS AMOROSOS

*** Sexta-feira, 7 de fevereiro de 2020 ***

(...)

«Fred, fiz batota»

«O meu namorado fez batota?»

«Sim...»

«Que batota é que o meu namorado fez?»

«Estava em *Street View* no *Maps* e olhei em redor...»

«Ai, ai... Que o meu namorado tinha dito que não olhava em redor, que só usava o *Street View* para aprender a estrada... Afinal, era tudo petal!...»

«Não era Fred, eu juro... Tenho aprendido a estrada só a ver a estrada... Mas comecei a subir, a subir, a subir e de repente vejo um miradoiro tão lindo, Fred!!!! E uma vista de cortar a respiração!!!! Não resisti!...»

«Ai, ai... O meu Jaimezinho não resistiu à vista de cortar a respiração e viu a vista proibida...»

«Pois, vi... A vista tão linda que era proibida...»

«E, agora?»

«Agora, vou fingir que não vi nada.»

«Pois, dá para fingir, mas já não dá para tirar essa vista da tua mente... (...) Vê vistas proibidas e grava imagens proibidas na mente dele e depois diz que é inocente...»

Eu e o Frederick riamo-nos desalmadamente (...) Tínhamos combinado que enquanto ele estudava para Psiquiatria, eu é que ficava com o

Itinerário Dos Namorados (IDN) dos Açores; e ficar com esse IDN, incluía uma pequena autorização de espreitar a estrada no *Street View* no *Google Maps*. Valia para mim espreitar, porque era eu que ia guiar. E claro, que queria fazer um brilharete a atalhar e a saber as estradas de cor e salteado do nosso IDN, naquela ilha, sem ter de usar o GPS. Obviamente que o GPS estava fora da nossa equação.

Ter de usar o GPS, significava ter de estar ligado à Internet. Estar ligado à Internet, significava que a nossa voz, a nossa conversa no carro, cada palavra que disséssemos, cada beijinho que déssemos, cada amor do nosso amor, fosse tudo ouvido e processado pelos algoritmos tecnológicos. Deixar os algoritmos tecnológicos processarem o nosso namoro? Meterem-se no nosso namoro? Começarem a recomendar, a sugerir coisas para o nosso namoro? Era o que mais faltava! Os algoritmos sabem lá o que é o amor! Os algoritmos sabem lá namorar! Já estava a imaginar, eu a dizer a cada segundo “Fred eu amo-te” e o Frederick a dizer “Jaime eu amo-te” e a aparecerem sugestões nos nossos telefones de “Jaimes”, “Freds” e “Amo-tes” para comprarmos. De certeza, que há quem compre “amo-tes”! Por isso, de certeza, que já deve haver por aí “amo-tes” à venda... E, por isso, de certeza que os algoritmos levam esses “amo-tes” aos namorados (mais) *supertecnológicos*... Ainda bem que eu e o Frederick somos zero tecnológicos no amor e no nosso namoro e nas nossas viagens não há, claro, espaço para telefones! Basta-nos a tecnologia do nosso amor! A tecnologia do nosso amor chama-se telepatia!

«E então esse 3º *Itinerário Dos Namorados* ainda não está pronto?»

«Está quase, Fred...»

«Quero tanto vê-lo... E incluir a minha surpresa no Dia de São Valentim... Olha que o dia 14 é meu!»

«Eu sei, Fred... Mas o dia 14 é teu até que horas?»

«Até à hora do pôr do sol.»

«Até às 18h19, portanto... (...)

(...) Mas olha, já que falas no IDN, deixa-me que te diga que estive a fazer contas e está tudo certo...»

«Contas? Estiveste a fazer contas à vida, foi Jaimezinho?»

«Sim... Mas à tua vida societária no nosso IDN (...)»

«Como assim, à minha vida societária no IDN (...)?»

«(...) Tens uma vida muito limitada (...) no IDN (...)... Ya, és um sócio muito minoritário...»

«És muito engraçadinho, Jaimezinho... (...)»

(...) Se calhar, até vou fazer o jantar para nós...»

«Se fizeres o jantar, ganhas mais ações...»

«Se eu cozinhar para nós no dia de São Valentim, fico com quanto por cento do IDN?»

«Então, ficas com mais 2%...»

«Só mais 2%???»

«Sim! Não te esqueças que temos o filme para ver no Teatro (...)...»

«É a que horas?»

«Às 21h30.»

«Quanto tempo demoramos da quinta ao teatro?»

«Um quarto de hora, se houver uma tempestade.»

«Oh amor, não há tempestades no dia de São Valentim...»

«Então, demoramos uns 10 minutos. Já compraste os bilhetes?»

«Sim, meu amor! Escolhi os lugares mais centrais...»

«Obrigado, amor! Eu amo-te!»

«Eu amo-te! Não devia receber mais um por cento, mais uma açõzinha do IDN, por ter reservado lugares centrais no teatro para nós, amor?»

«Não, Fred... Não inventes...»

(...)

«Ainda te lembras do miradoiro proibido que viste?»

«Lembro-me! É lindo, Fred!»

(...)

«(...) Qual é que foi o miradoiro que viste?»

«(...) Porquê?»

«(...) Vou ver em *Street View* no Google Maps, para ficarmos quites!»

«Estou a ver que vai haver uma maldição...»

«Qual é a maldição que estás a ver?»

«Não podemos ver paisagens tecnológicas de cortar a respiração no *Street View*... Porque as paisagens tecnológicas que vimos no *Street View*, *O Deus Tecnológico* vai castigar e vai prender-nos na tecnologia; vai prender-nos na paisagem tecnológica, porque quando começarmos a subir até ao miradoiro, *O Deus Tecnológico* vai mandar vir uma tempestade açoriana para nós não vermos a paisagem de verdade. Vamos só ficar com a paisagem tecnológica na cabeça... Vamos ficar presos em cada paisagem tecnológica que vimos tecnologicamente...»

«Muito poético! Aposto que esse deus é *O Deus Tecnológico* de Simão Roncon-Oom.»

«É, sim! *O Deus Tecnológico* de Simão Roncon-Oom.»

«Mas *O Deus Tecnológico* de Simão Roncon-Oom também habita os Açores?»

«Sim, habita...»

«Habita em todo o lado esse *Deus Tecnológico*...»

«Sabes onde é que vamos depois de sairmos do teatro?»

«Então, vamos à discoteca dançar...»

(...)

«Porque não se pode acabar o Dia de São Valentim sem se dançar...»

«O meu namorado é tão lindo que diz sempre Dia de São Valentim e não diz Dia dos Namorados, como os outros namorados...»

«Então... Porque o Dia dos Namorados é todos os dias... Nós festejamos todos os dias porque o Dia dos Namorados são todos os dias... O Dia de São Valentim é que é só no dia 14 de fevereiro... Os outros namorados só festejam no Dia de São Valentim... Nós festejamos no Dia de São Valentim e no Dia dos Namorados, que são todos os dias.»

«Ainda no outro dia, a minha prima Mariana disse que nós éramos uma seca, porque estávamos sempre felizes e isso enervava; e disse que não era normal nós agirmos como se todos os dias fossem o Dia dos Namorados.»

«Que tua prima Mariana? A Mariana Fráguas?»

«Não... A Mariana Portugal.»

O Fred soltou um riso de como era bem-vinda a Mariana Portugal à conversa. (...)

«Mas porque é que a prima Mariana ficou irritada? Conta lá, vá...»

«Porque apareci na casa dela todo feliz (...) com uma papaia que me tinhas dado e ela virou-se e disse: “Ai, Jaime! Já vem todo contente e com uma papaia na mão... Para vir com esse sorriso, aposto que quem lhe deu essa papaia foi o Fred para variar...”»

«E tu, o que disseste?»

«Eu disse que sim, que tinhas sido tu que me tinhas dado a papaia e a prima Mariana deu-me uma descasca...»

«Uma descasca?»

«Sim... Fred... Uma descasca... “Ai, Jaime! Mas o Fred está sempre a dar-lhe papaias? Ele deve ter uma plantação de papaias, só pode! Para lhe estar sempre a dar papaias... Não há papaias no supermercado o ano inteiro, desculpe lá, mas não há! (...)

(...) Vocês irritam-me, porque vocês vivem mesmo no “Mundo Encantado” de *Jupiter* de Gabriel Garibaldi... Aposto que também foram ver o pôr do sol, por isso é que só chegou a esta hora à minha casa”...»

«E tu amorzinho, o que respondeste? Aposto que esse eruditismo todo da prima Mariana, se deve ao facto de ela ter um fraquinho pelo Gabriel Garibaldi...»

«A prima Mariana tem uma paixão platónica pelo Gabriel Garibaldi... (...) se tu entrares no quarto dela, ela tem mil hologramas do Gabriel Garibaldi, ela dorme e acorda com ele projetado... A espetrofilia e a robofilia vão ser a peste negra do século XXI e se não forem do século XXI vão ser do século XXII, salvaguardo já a previsão para o próximo século... Disse que tínhamos ido ver o pôr do sol. A Mariana apostou logo que tivéssemos ido ao rio ver o pôr do sol, (...) e ainda (...) que tivéssemos feito um dos nossos piqueniques “chiquíssimos” num dos nossos jardins “fabulosos” e eu disse-lhe que ela estava hoje a apostar muito bem, (...)

«E mais? E mais? O que disse mais a Dona Mariana de Portugal?»

«Disse: “Ai, Jaime! Que seca! Mas para vocês, todos os dias é Dia dos Namorados?! Está a ver? Isso não é normal! Vocês vão ver todos os dias o pôr do sol e ainda por cima nem o fotografam, porque aposto que nem fotografias tem para me mostrar do pôr do sol que vi com o seu namorado, não é? Ao menos partilhava o que viu... Ao menos partilhava o pôr do sol, sei lá... Se toda a gente partilha a vida toda, porque é que vocês não partilham também? Têm de partilhar... Porque eu aqui fechada em casa, não vi pôr do sol nenhum; nem sequer se eu for ao terraço, vejo pôr do sol nenhum nem rio nenhum, por causa dos prédios que não estavam cá e agora estão cá e tapam a vista toda... Também, uma pessoa tem um terraço tão grande não sei para quê, se os pôr de sóis nem aqui passam... (...) Estou aqui à espera que o Gabriel Garibaldi venha lá do *Jupiter* dele numa nave e me venha buscar... Não me importava nada de ser abduzida por ele... Aposto que foi fabuloso o pôr do sol, não? O vosso dia mais parece um Dia dos Namorados! Isso é o que se faz no Dia dos Namorados... Piqueniques, ir ver pôr de sóis, (...) Vocês enervam-me! Vocês não se cansam um do outro? Nem um bocado? Nem um bocadinho? Não se zangam? (...) Que seca! Vocês são uma seca! O vosso namoro não tem ação... Não tem drama... Não tem intrigas... Isso não é um namoro à séria, desculpe lá, Jaime!... Um namoro da vida real tem de ter drama, está a ver? Onde está o vosso drama? Não há drama! Logo, o vosso namoro não existe! É uma fantasia, sei lá... Um conto encantado num “Mundo Encantado” de *Jupiter* do meu querido Gabriel Garibaldi...”»

«A prima Mariana é muito engraçada... Eu não percebo se ela está a brincar ou se está a falar a sério... Mas seja como for, eu adoro-a, ela é mesmo muito engraçada!»

«Ah! E ainda disse que nem numa novela o nosso namoro existia, que nem em telenovelas o nosso namoro aparecia e que ela já tinha visto muitas telenovelas, porque tinha de haver drama. Que sem drama e sem dor não pode haver amor. Porque em todas as telenovelas, até “nas relações perfeitas”, a priminha Mariana diz que há drama e como as telenovelas são o retrato social da vida real, então se “nas relações perfeitas” há drama é porque faz parte da vida haver drama nas relações amorosas.»

«Mas a prima Mariana está a brincar ou está a falar a sério?»

«(...) Eu disse-lhe que nas relações perfeitas não há dor nem drama. Que a dor e o drama não são ingredientes das relações perfeitas. Senão, não eram perfeitas. Perfeito, significa isso mesmo: ser perfeito. E é possível ser perfeito. Quando as pessoas se amam, se entendem perfeitamente, gostam de fazer as mesmas coisas, (...) gostam de estar e ir aos mesmos sítios, então sim, é tudo perfeito.»

«Pois... A prima Mariana anda a ver muitas telenovelas... E o que é que disse depois?»

«Ficou só a ouvir. Depois perguntou-me onde tínhamos estado. Conte-lhe que me tinhas ido buscar à faculdade. (...) Disse-lhe que fazemos muitas vezes esse jardim e que o adoramos (...). (...) Que usamos o palácio como um atalho: atravessamos o portal e o portão heráldico maneirista fenestrado no muro-fortaleza do pátio do palácio...»

«Amor, fenestrado??? Fenestrado vai ficar o Mathias quando for “à broca” para rasgar aquele “ouvido de surfista”...»

«Pois e o teu querido irmãozinho Joachim vai pelo mesmo caminho da fenestração, se não muda de águas e de ventos...»

(...)

«Já viste a tua sorte, de não teres um namorado surfista? Um namorado que atravessa contigo por portais e portões, por muros fenestrados, fortalezas fenestradas, sem se deixar ser fenestrado... A sorte de teres um namorado que nunca será fenestrado!»

«“Então, não gostavas de ter um namorado surfista?”...“Ah, não... Eles acabam sempre, mais tarde ou mais cedo, por ficar fenestrados...”»

«Ai, amor... Tu és tão engraçado! Da próxima vez que te perguntarem porque é que dos três van Der Maase quiseste ficar comigo, já podes responder que foi porque os outros irmãos tinham “ouvido de surfista”... E que ter ouvido de surfista é um grande *handicap*... (...)

(...) Eu amo-te! Desculpa ter fenestrado a tua esmerada narração apalaçada...»

«Eu amo-te! Ainda nem sequer tinha começado a narrar o palácio... Deixaste-nos ao portão, abriste logo ali um grande janelão, lembraste Príncipe Frederick?»

«Lembro-me... Podemos, então, entrar?»

«Entramos pelo átrio de chão empedrado de calçada à portuguesa e subimos sempre pelo lanço direito da escadaria, desenvolvida em dois lanços, cheia de mármore, com um bonito cordão-grosso encarnado que acompanha toda a escadaria, abaulamos o salão nobre cheio de azulejos que contam a História por si, (...) passamos em passo de passerelle pela sala que está sempre à pinha de malta agarrada aos livros, que num ensurdecido silêncio, nos roubam o espírito intelectual que os alimenta quando nos fitam e nos decoram, até que chegamos ao terraço balaustrado debruçado sobre o jardim do palácio...»

«E eu roubo-te um grande beijo nesse terraço balaustrado que tanto gostas!»

«Nós nunca damos beijinhos nesse terraço, Fred!!! Esse terraço está cheio de hackers. É *supertecnológico*, estão todos sempre agarrados ao telefone, à espera de nos roubarem um beijinho.»

«Pois, não... Não damos aí beijinhos por causa dos hackers, mas damos sempre nas escadas, quando subimos até ao terraço e quando descemos depois de virmos do terraço... Ai, ai... É por isso, que eu gosto tanto de subir contigo até ao terraço do Palácio (...) ...»

«O quê??? Só por causa dos beijinhos às escondidas nas escadas?»

«Sim, meu amor...»

«E eu que pensava que era por causa dos silhares de mármore de embrechados policromos na escadaria do palácio, por causa dos bustos

plantados no jardim, por causa dos balaústres do terraço, por causa do teto em abóboda, (...)

**O seu donativo é muito importante
para proteger a qualidade de
escrita do autor e não deixar o
espírito do autor morrer.**

**Não deixe o espírito deste autor
morrer.**

**Está nas suas mãos não deixar o
espírito deste autor morrer.**

**Faça um donativo ao autor para o
IBAN**

PT50 0010 0000 58544220001

ou MB WAY 965108603

CAPÍTULO II

DO MEU CAPITALISMO VERDE E INTELIGENTE DOS RECURSOS

(...)

E foi ao colo do Fred, que pela primeira vez expressei-me politicamente. Que me expressei verdadeiramente a alguém! Que lhe contei tim-tim-por-tim-tim como via *O Sistema*, como via o Direito e como via a Política. Disse-lhe que quando falava no *Sistema*, quando dizia só *O Sistema*, que me referia à Administração Pública. Para mim, a Administração Pública é que era *O Sistema* em Portugal. Confessei-lhe, naquele colo, que era um *capitalista inteligente dos recursos*. Que tinha inventado um *novo capitalismo*. Que tinha inventado um *novo liberalismo económico digno dos recursos*. Não o tinha ouvido em lado nenhum senão no meu coração. Um capitalismo verde que sentia inscrito em mim. Um capitalismo sustentável que me tinha sido inscrito no coração e por quem o meu coração batia. Porque havia recursos por quem o meu coração batia! Havia pessoas por quem o meu coração batia. E ouvia o meu coração a bater pelos mais inocentes, (...) pelos mais amorosos, pelos mais esperançosos. Disse-lhe que o meu coração batia por aqueles que vinham por bem, por aqueles que eram bons. (...) E pus o meu coração nas mãos do Fred. Agarrei-lhe as perfeitas masculinas mãos-pianista e pu-las sobre o meu peito. O meu coração estava a disparar desalmadamente. Ele queria falar. E eu deixei-o falar.

(...)

Enquanto uns veem os céus cheios de drones, a minha política, o meu capitalismo, vê coisas imprimidas por todo o lado, porque com a *Impressora a 3D* é possível imprimir sem poluir! E nem todos têm de imprimir casas! Mas ter de abater árvores para sacar a madeira e depois já ter espaço para novas construções o meu capitalismo condena, vê esses abates infelizes! Podem-se construir casas, imprimir casas ao lado de uma árvore, contornando uma árvore, construir por entre as árvores sem as ter de abater! O meu capitalismo verdadeiramente sustentável vê e reconhece a inteligência das árvores e sabe qual é que é o tempo de vida de uma árvore. (...)

“Madeira sustentável” no meu *capitalismo inteligente dos recursos* não é usarmos a poda como um meio, como uma desculpa, para sacar madeira! É aproveitarmos legitimamente de uma poda, que tinha mesmo de acontecer, (...) porque um botânico recomendou para o próprio crescimento e desenvolvimento saudável da árvore; e porque houve então essa poda, então sim, aproveitarmos-nos da madeira, já que houve essa poda... Esse aproveitar natural da madeira, é que dita a madeira ser sustentável; não é cortar uma árvore com 15 anos, porque já viveu 15 anos, quando ela viveria 100 anos no seu pleno direito à vida! Se eu em cima do escadote, durante a poda, avisto uma raposa morta, então eu posso lá ir tirar-lhe a pele, aproveitar-me dela. Não a matei! Nem a vou matar para lhe tirar a pele! Posso vestir aquela pele ou posso vender aquela pele por 1 milhão! E isto tem de ser fácil de ver! Porque isto é automático! É aquilo que é natural!

O meu *capitalismo inteligente dos recursos* não põe nenhuma árvore nem nenhum animal à frente de um humano, nem sequer os iguala, porque não são iguais. Os humanos são iguais aos humanos. Em caso de confronto de direitos como é lógico que o humano, que seja digno, tem de ter sempre vantagem sobre qualquer espécie terrestre ou extraterrestre. E somos nós, os humanos, que atribuímos essa vantagem aos humanos, por sermos humanos, por pertencermos todos à espécie humana. Mas é uma vantagem que qualquer humano perde se deixar de ser digno, se se tornar criminoso. Se maltrata um animal por simples prazer, se fere um animal por desportivismo, então o humano tornou-se um criminoso. (...) Se se põe a arrancar o marfim dos elefantes enquanto os elefantes estão vivos é um criminoso!

Se o humano quer assim tanto o marfim do elefante, então, que remova o marfim depois do elefante ter o direito à sua vida plena. (...) Se se quer mesmo os chifres das impalas e dos veados que se acompanhem as caçadas naturais (...) dos leões e se vá lá remover se os leões deixarem no final de devorarem as carnes deles, porque as carnes são deles, não são nossas – e quem nos diz isto são as leis da ecologia (...)

(...) ser-se humano é fazer parte do ambiente, é pertencer ao ambiente natural da Terra; a não ser que fôssemos extraterrestres ao Planeta Terra, então seríamos extraterrestres ao ambiente. Mas nascemos aqui, o nosso cordão umbilical foi cortado aqui na Terra. (...)

(...)

(...) sabemos que a humanidade está acorrentada ao sistema monetário; é essa a nossa economia, que é liberal e competitiva, mas que tem de ser sobretudo ecológica, sustentável, verdadeiramente preocupada e amorosa com os recursos, com as pessoas.

Acredito numa política que protege (...) as pessoas dos mercados que as veem como objetos e, que por isso, as objetificam. (...) Se há mercados que veem as pessoas como petróleo e como dados, obviamente que para eles, é isso que as pessoas valem e pronto. Para eles, não são pessoas. E para mim, não são mercados que deviam estar dentro do nosso sistema. Um mercado que deixe de olhar para uma pessoa como pessoa, para mim, perde toda a legitimidade de sobreviver no mercado; e se o mercado não conseguir expulsar esse indigno mercado, então que este *novo liberalismo digno dos recursos*, esta *nova política capitalista dos recursos*, fabrique a lei para chamar o Direito e expulsar de vez o mercado que é um cancro que dá cabo da sociedade; que dá cabo do ambiente, que dá cabo dos recursos ambientais e dos recursos humanos.

Se há mercados tão bons, padrões tão bons que montam empresas empáticas, que são empáticas, não só pelos seus colaboradores e funcionários a quem pagam *ordenados de felicidade*, mas também, pelo meio ambiente, que respeitam a flora e a fauna, os outros mercados têm de se tornar bons! Ou os mercados se tornam bons e empáticos ou, então, mais vale darem o seu lugar na economia a outro. Se uma empresa que tem ótimas infraestruturas, uma indústria montada que custou uma tonelada, mas depois os produtos que está a usar são altamente poluidores, paga mal ordenados quando faz fortunas com os seus produtos ilegais e ilegítimos no meio ambiente, então, não está a fazer mais nada senão a dar cabo dos recursos! Acredito numa política que olhe para esta empresa de uma forma inteligente e veja as ótimas infraestruturas, os pilares que tem, e obrigue a empresa a usar outro tipo de produtos que não polua tanto, fazendo-lhe uma oferta, reeducando-a; e se a empresa ficar-se nas tintas, então que juridicamente se consiga perguntar no mercado quem é que quer ficar com a exploração da empresa maligna, numa espécie de concurso público; e se nenhuma empresa for capaz ou quiser, então que se nacionalize e que faça o Estado – se tiver capacidade técnica ou científica – boa figura junto dos mercados.

A inteligência dos recursos está em não mandar abaixo as estruturas, mas reabilitá-las, mantendo as estruturas, porque já houve ali uma pegada ecológica, já houve ali “um dar cabo do ambiente”; por isso, já que já se deu cabo, pelo menos, agora que se saiba tirar o melhor proveito. Veio aí a febre dos carros elétricos, (...) mas, (...) já se percebeu que afinal, as coisas elétricas precisam de baterias de lítio e a sua exploração e a sua produção pode ainda ser mais poluidora que as coisas a gasolina e até já apareceu “milagrosamente” a gasolina sintética que é neutra em carbono, e que por isso, não polui. E até chegarmos ao hidrogénio vamos demorar mais quanto tempo? (...) Ou só no próximo milénio é que vamos começar a falar (...) “dos carros movidos a água”? Se efetivamente se comprovar científica e *engenheiramente* que afinal, os elétricos fazem pior à saúde do ambiente por causa das baterias, vamos como é lógico, aproveitar o que foi produzido, porque se produziu segundo aquela informação, que era a mais idónea naquele tempo tecnológico. (...) Agora, não vamos é pôr-nos a produzir mais baterias, a produzir mais drones, quando finalmente sabemos que estamos a perigar irreversivelmente a saúde do Planeta Terra. Quando sabemos que estamos a perigar a saúde do ambiente e dos seus recursos, sobretudo os humanos.

(...) O Direito deve acompanhar a Economia e a Tecnologia. Dever acompanhar não é ter de andar ao sabor delas, (...) ou dar-lhes as mãos como se as namorasse! Dever acompanhar, é estar à altura para pôr os travões, para não deixar os patrões dos restaurantes filmarem os seus trabalhadores e os seus clientes com câmaras que lhes gravam a voz e a imagem. Estar à altura das tecnologias.

(...) Saber dizer não às tecnologias perversas, às tecnologias que são antagónicas de todos os direitos que andámos a inventar; a todos os direitos que estão constitucionalmente consagrados! (...) O meu *liberalismo digno dos recursos* naturalmente que é adepto dos mercados, mas por ser digno é que não é adepto de todos os mercados; (...) o meu *liberalismo digno de recursos* seduz-se por mercados empáticos e tecnologias ecológicas, que são aquelas tecnologias que existem para aumentar verdadeiramente a qualidade de vida humana, não prejudicando a espécie humana, não baralhando a mente humana, não manipulando as relações humanas, que consegue aliviar o esforço humano sem ter de significar a inutilidade humana.

As casas imprimidas a 3D são uma expressão excelente da tecnologia ecológica! O meu *capitalismo inteligente* é, pois, uma provocação às mentes humanas, porque considero que para se ser capitalista tem de se ser inteligente, é preciso estar-se informado e muito bem informado. Capitalismo não é consumismo. Capitalismo não é empresas nem construções à toa. Capitalismo não é tecnologia à toa. Capitalismo é informação.

Saber, desde logo, de que são feitos os materiais. Do que é que é feita cada coisa em que mexemos. Se eu adorava uns ténis, uns casacos, mas depois descobri que aquele cheiro era de pele de vaca, posso deixar na prateleira. Ao menos, que a câmara instalada na loja que “me ouve” e que me grava a perguntar ao colaborador da loja de que são feitos aqueles ténis e “me vê” e me grava a deixar na prateleira, porque afinal são feitos de pele verdadeira de animal, sirva para *empatizar* o dono daquela câmara e o dono daquela loja, reedueque aquele mercado, consciencialize aquele mercado a deixar as camurças e as peles e o seduza a imitar as peles e a imitar o couro, por exemplo. Se gostamos tanto da pele da raposa vamos então tentar imitar a sua pele, não é arrancar-lhe a pele para fazermos dela os nossos casacos!

Se eu descubro que uma empresa produz ténis giríssimos, mas para os produzir escraviza (...) eu tenho de deixar de comprar esses ténis (...). Participar responsabilmente na economia. Foi este o capitalismo, e o liberalismo que me saiu da boca ao colo do Fred com as mãos dele ao meu peito. E desse colo levei, sem querer, esse meu capitalismo para os Contratos Públicos.

(...)

Perguntei ao Xico se ele queria vir assistir à minha apresentação que ia fazer em Direito dos Contratos Públicos. “Estava a ver que nunca mais tinha uma boa desculpa para ir a Contratos Públicos... Ainda não lá pus os pés desde a primeira aula, mas claro que para ver o menino de direito público a falar do *Sistema*, vou ver e digo-te já que pago para te ver a falares do *Sistema*, porque depois dessa tua aula esverdeada, sim, que tu a mim não me enganas, que eu sei muito bem que és todo verdolas e queres é pintar as paredes, o teto e os pilares do *Sistema* em doces pinceladas esverdeadas, faço-te um prato verdinho como tu gostas, faço umas pizzas para nós de brócolos e espinafres e

depois faço-te aquele meu *risotto* de 4 cogumelos, que tu adoras, só para te ver “a vires-te todo” em cada garfada que vais levar a essa tua boquinha que eu tanto gosto! Aposto que o “Frrédériquê” Príncipe Não Sei Lá Das Quantas não te consegue dar melhores orgasmos do que eu te dou! O teu Príncipe está aqui à tua frente, sou eu! Sou eu que te vou dar orgasmos ao jantar, não é esse “Frréda”; tudo bem que é mais loiro e mais giro que eu, mas, ainda assim, eu dou-te mais orgasmos que ele, tens de admitir, admite!”, respondeu-me o Xico numa milimétrica peça teatral.

E eu chamei-lhe cabrão: “Seu cabrão! *Hackeaste-me* o trabalho de contratos públicos!!! De onde é que vêm essas “doços pinceladas esverdeadas”????”. “Vêm do teu coração e eu oiço-o a bater! *Hackeei-te* o coração à nascença, sei tudo pelo que bate esse teu coraçãozinho... Acaba com o Fred, eu acabo com a Carminho, fica comigo e eu conto-te tudo sobre o mundinho dos teus *hackers*”, respondeu-me. (...)

O Xico chamava-me “menino do direito público” num tom provocatório, porque ele sabia que eu tinha feito uma birra com o direito público nos primeiros anos da faculdade e que só via era “privado” e penal à frente. (...) Em gíria de faculdade dizíamos “privado” para nos referirmos ao Direito Civil (...), ao Direito Comercial (...) e ao Direito das Sociedades Comerciais que é como se fosse o código das empresas e das regras da vida social na empresa e que “dita” aquilo que os sócios das empresas podem fazer.

(...)

Dizemos “público” para nos referirmos ao Direito Constitucional, que é como se fosse um *Direito Político* onde aprendemos sobretudo as competências do Presidente da República, do Governo, da Assembleia da República, como é que aquela fábrica de leis fabrica as leis e como é que o Tribunal Constitucional fiscaliza a fábrica antes de se embalarem as leis ou como é que fiscaliza as leis que já foram embaladas e vivem ou vão sobrevivendo fora da fábrica.

Também dizemos “público” para nos referimos ao Direito Administrativo, que é onde se inclui o Direito dos Contratos Públicos, que é onde aparece o Estado enquanto “Administração Pública” a contratar, a

celebrar contratos, com as empresas nas suas mais “configurações” possíveis, seja como uma universidade pública, como uma câmara municipal, como um centro de saúde ou um hospital, como uma Guarda Nacional Republicana ou uma Polícia de Segurança Pública ou uma Polícia Marítima (...)

(...)

A Administração Pública se tem um Código Verde “agora” diante dos seus olhos para cumprir, não se pode pôr a encomendar drones, a contratar drones, a autorizar ou a dar luz verde aos drones nem a câmaras de vigilância que não são nada, mas nada, mas nada verdes. (...)

O mercado quer pôr os drones a fazerem encomendas. Mas o mercado (...) quer isso e muito mais... Mas é o Direito que tem de se chegar à frente e ser “cego” e “surdo” pelos investimentos que até a banca financiou, está a financiar e quer vir a financiar. Isso para o Direito tem de importar zero! (...) Se os drones de encomendas tiverem mesmo, (...) de penetrar na nossa economia social, na nossa vida real, nas nossas cidades económicas, (...), que penetrem, mas que, ao menos, penetrem sem câmaras e sem microfones! Se os drones são para entregar encomendas não precisam de vir apetrechados com “olhos” e “ouvidos” nenhuns! Bastam-lhes um GPS para irem entregar à morada. A Comissão Nacional de Proteção de Dados, se for uma comissão a sério, não pode nunca, mas em circunstância alguma, dar luz verde a drones de encomendas com câmaras e microfones. E eu quero acreditar que a Comissão Nacional de Proteção de Dados é uma comissão a sério e vê que a pressão do mercado está a apontar com algoritmos a tudo o que é tudo; até ao amor! Porque já há um *Algoritmo do Amor*.

(...)

(...) nós estamos numa Era em que se abatem árvores para construir parques de estacionamento. Também há quem queira abater árvores para no lugar delas erguerem porcarias de infraestruturas de drones. E se não for de infraestruturas de drones será de grandes torres ou grandes antenas super-radioativas por causa da Internet das Coisas?! Mas a Internet já não está rápida demais?! Lançarem-se satélites para melhorar as ligações da Internet? Para torná-la mais rápida ainda? Mas mais rápida para quê? Ela já não é tão rápida?

Não chega? Não chega de dados? Mais dados ainda, para quê? Mais satélites para quê? Há pessoas a morrer à fome!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!

(...)

Uma parte muito importante do trabalho que apresentei em Contratos Públicos tinha que ver com o ciclo de vida do produto, numa espécie de “eutanásia esverdeada”. Se o fim de vida de um drone pode ter um impacto desastroso no ambiente se a sua eliminação não for adequada, só o seu correto fim de vida, e só se fosse possível eliminar-se o drone, é que seria bom para a economia. (...) seria preciso que os drones fossem recicláveis, pudessem ser recicláveis, e não se tornassem inúteis e um monte de lixo metalizado, um monte de lixo tecnológico a emitir energia e radiação por todo o lado. Os drones elétricos como os carros elétricos padecem do mesmo problema das baterias. Só na produção de um carro elétrico eu poluo mais 30% do que na produção de um carro a gasolina ou gasóleo. E as baterias têm um tempo de vida útil. Não duram para sempre. (...) Para além de que há engenheiros que dizem comprovadamente que só na produção de um carro elétrico, eu posso poluir o equivalente a 8 anos de poluição de um carro a gasolina... (...)

(...)

(...) A tecnologia que não é ecológica, mata-nos! Podemos não conseguir ver isso agora. Mas temos de olhar para o futuro! (...)

(...) E por querer estar tão no futuro, é que me preocupo com os Contratos Públicos que podem afetar a minha vida e a vida do Fred!

(...)

Não há nenhum telefone vindo “do além” a telefonar para a Terra, a dizer que temos de atender uma chamada do futuro e que a chamada é pôr os drones a voar nos céus e instalar câmaras na Terra por todo o lado, porque lá em cima *O Deus Tecnológico* de Simão Roncon-Oom precisa de um *refresh* para atualizar os registos de cada um. É que, como somos na Terra 7, 7 bilhões (sete mil milhões!), *O Deus Tecnológico* afinal não consegue estar em todo o lado e precisa mesmo dos céus cheios de drones para ficar um pouco mais omnisciente sobre tudo e sobre todos... E avisa-se, então, já, que *O Deus*

Tecnológico vai precisar de instalar câmaras nas igrejas para estar um pouco mais omnipresente e os crentes poderem sentir toda a sua omnipotência; e avisa-se já, que vai mandar os *supertecnológicos* filmarem os enterros e os velórios e mandar pôr no Facebook e no Instagram em tempo real para *O Deus Tecnológico* poder acompanhar de perto todos os velórios e todos os enterros. Porque a omnipotência começa no Poder de poder instalar as poderosas câmaras. Ninguém está a telefonar para a Terra a dizer que o futuro e a evolução passam por essas instalações! Antes de todas essas instalações, há muitas impressões por se fazer! Porque o futuro e a evolução não passam pela Internet das Coisas, para ligar os pobres às TV's dos ricos! Para fazermos da pobreza um *reality show*, que nem os pobres vão lucrar com o sucesso dos seus filmes que, por acaso, são as suas vidas reais!

E ainda há de vir um vírus tecnológico qualquer em 2020, para dar corpo e escopo às profecias literárias de 2013 e 2003 que disseram que em 2020 iria aparecer um vírus que disseminaria uma “ínfima” percentagem da humanidade e uma infinita percentagem da economia, capaz de nos assustar a todos como nos assustou o terrorismo e obrigar-nos a ir parar ao Zoom e ao Skype num novo grande zoom. O Zoom nasceu em 2013 e o Skype em 2003. Mas vão parecer, que nasceram em 2020. E nesse *reality show* de dados, em que os próprios governos lutarão para ficar com os dados, porque os próprios governos obrigarão seja pelo Código do Trabalho, que há de vir inventar a obrigatoriedade do teletrabalho obrigando todos os trabalhadores a irem parar ao Zoom sob pena de serem despedidos, seja pelo Regulamento de Avaliação, que há de vir obrigar todos os alunos a irem parar ao Zoom sob pena de chumbarem, alguém ficará com o pacote de dados. Alguém, ficará com a nuvem de dados. Alguém, ficará com a conservação dos dados. Alguém, poderá rebobinar as vezes que quiser. Alguém, poderá congelar a imagem das gravações as vezes que quiser. E num filme já visto, de *2080* de Antoine Canary-Wharf, aparecerão algoritmos que oportunamente detetarão os pedófilos, os psicopatas, os narcísicos, os depressivos, os *borderline*, os esquizofrénicos, os bipolares, os obsessivos, os paranoicos, tudo no mesmo saco de dados, que entraram em sessões tecnológicas pseudo-espirituais, em chamadas missas virtuais, para compensar o velório que o vírus não deixou fazer, num luto que ainda não fizeram por terem entregue o seu espírito ao novo *reality show*.

E o *reality show* não será, desta vez, só com os pobres económicos, vai ser também com os pobres sociais, que são sociais na sua virtualidade, na sua *ecrãnlidade*, que por não saírem daquele ecrã, vão ficar presas e dentro do ecrã. E o *reality show* não será só com os pobres económicos e com os pobres sociais, vai ser também com os pobres espirituais que deixaram a tecnologia agarrar-lhe o espírito, que deixaram a tecnologia roubar-lhes a alma, ficar-lhes com a alma, levar a alma sabe-se lá para que mercado, sabe-se lá analisada por que cientista de dados. Esses novos cientistas de dados que é como se fossem os novos espíritas, que veem o nosso espírito, porque simplesmente veem tudo, e por isso, é que, sabem tudo! Mas que sabem tudo, mas nem são os Anjos Tecnológicos d'O *Deus Tecnológico* nem são O *Deus Tecnológico* do Simão Roncon-Oom.

(...)

(...) os drones à atual sociedade humana mundial são extraterrestres! Parecem extraterrestres! Então, mas com gente a morrer à fome, com gente sem teto, vamos pôr-nos a sobrevoar por cima delas ao invés de lhes darmos um teto? Vamos pôr-nos a filmar a miséria delas ao invés de eliminarmos-lhes a miséria? Parece uma cena extraterrestre! Então, mas ao invés de nos pormos a imprimir estufas autossustentáveis para nutrir os corpos dos pobres vamos pôr-nos a construir infraestruturas para carregar as baterias dos drones? Eu não digo que não se possam instalar drones, câmaras e Internet das Coisas por todo o lado, mas enquanto houver fome, miséria, pobreza, mendigagem não me parece muito boa ideia! Parecem mesmo instalações extraterrestres! Instalações fora do tempo! Instalações que não deviam ser para agora! Talvez, para depois, quando o Direito estiver um pouco mais a altura da tecnologia, quando perceber um pouco mais de tecnologia, quando for um pouco mais tecnológico. Talvez, quando o nosso Direito chegar aos calcanhares do *Direito Tecnológico* do 2080 de Antoine Canary-Wharf. Quando a sociedade for um pouco mais intelectual, quando respeitar um pouco mais a liberdade, quando for um pouco mais intuitiva. Porque nem o Direito nem a sociedade estão neste momento “prontos” para andar de comando na mão, ou de telefone na mão e drone no ar!

(...)

**O seu donativo é muito importante
para proteger a qualidade de
escrita do autor e não deixar o
espírito do autor morrer.**

**Não deixe o espírito deste autor
morrer.**

**Está nas suas mãos não deixar o
espírito deste autor morrer.**

**Faça um donativo ao autor para o
IBAN**

PT50 0010 0000 58544220001

ou MB WAY 965108603

(...) o direito não está a ser tão tecnológico como devia! Proibir algumas tecnologias seria um sinal inteligente do Direito, se fosse tecnológico! (...)

(...) depois dos drones elétricos se tornarem sucata e já não houver mais lítio o que é que vamos fazer aos drones que nos custaram milhões de recursos da Terra, que nem parece que estamos numa Era de poupança dos recursos? (...)

(...) Por muito que eu quisesse, não pude falar de drones em Contratos Públicos, porque na altura ainda ninguém falava... Além de que ainda não tinham saído estudos sobre os níveis de emissão. Por muito que eu já visse esses níveis de emissão, sem ciência, eu não podia falar sobre isso só com a minha intuição. E tive de esperar pacientemente pela ciência. E como a ciência ainda não chegava com os seus estudos na mão e era hora de entrar naquela sala de aula jurídico-científica, tive de entrar sem telecomandos de drones na mão.

O Fred também lá estava na fila da frente ao lado do Xico na minha apresentação de Contratos Públicos. (...)

(...) O meu trabalho era sobre o *Green Public Procurement*, que basicamente é um instrumento voluntário de compras verdes para o estímulo da procura por bens e serviços mais sustentáveis orientado por uma política da União Europeia. As autoridades públicas da Europa, o Estado português, o Estado dinamarquês, o Estado sueco, (...) são grandes consumidores. Os estados, ao usar os seus poderes de compra para escolher produtos, serviços e obras ecologicamente corretos, dão uma contribuição importante para o consumo e produção sustentáveis. (...)

Entendo o GPP como um bom escape jurídico para o continuado reeducar dos produtores, dos fornecedores, dos consumidores e sobretudo dos mercados. Reeducar no sentido de se chamar à (...) sensibilidade para os recursos naturais, humanos e intelectuais através dos avanços das ciências da natureza (...) para o equilíbrio dos ecossistemas naturais sustentáveis, desacelerando o seu esgotamento, promovendo naturalmente, antes, o respeito pelas gerações presentes e futuras, (...) Este reeducar que parece agora mais

pertencer, do que nunca, à Administração Pública (...) vem autorizar de forma naturalmente fiel os condões genéticos da Terra, o reinventar da nova longevidade.

(...) Aprendi em Direito dos Contratos Públicos que a entidade adjudicante é normalmente a Administração Pública, que nasceu neste mundo do Direito presa aos mantos da Terra e a entidade adjudicatária é a destinatária do contrato, ou seja, a empresa que vai contratar com a Administração Pública. Mas para contratar há regras. Regras para concorrer aos concursos públicos que a Administração Pública vai lançando no sistema. A ideia é simples: ganha a empresa que for a melhor amiga do ambiente ou a mais barata ou a mais tecnológica ou a mais isto ou a mais aquilo, dependendo da política que se viva no país. Mas independentemente da política que hoje se viva no país, nós estamos acorrentados à Europa, e a Europa já disse que quer todas as administrações públicas a contratar com as empresas mais esverdeadas, mais sustentáveis. Era sobre isto que se tratava o meu trabalho.

Foi preciso eu ter escolhido a cadeira de Contratos Públicos, que era optativa, para entender a verdadeira linguagem do sistema. Porque nenhuma empresa pode explorar parques de estacionamento se não concorrer a um concurso público e ganhá-lo. A Administração Pública é como uma árvore, nasceu com as raízes agarradas a tudo, tudo está preso a ela, tudo o que é de domínio público é a ela “que pertence” e só ela é que pode decidir ir dando uns troncos a uns para explorarem e produzirem madeira, ir dando a uns azeitonas para explorarem e produzirem azeite, ir dando a uns os óleos dos caroços para explorarem e produzirem cremes, ir dando a uns as folhas para explorarem e produzirem chás e remédios. É mais ou menos isto o que se passa cá em Portugal.

E ninguém está posto de parte pela Administração Pública. Ninguém está posto de parte, porque a Administração Pública é a mãe do sistema, e nenhuma mãe põe de parte um filho, mesmo que tenha 9, 10 ou 11 milhões de filhos. Somos todos filhos dela. Somos todos filhos do sistema. Mas a Administração, enfim, está um pouco cansada de ouvir todos os filhos, sempre com as suas ideias, cansada de ler propostas e mais propostas e mais propostas e lá precisou de arranjar uma data de secretárias e secretarias, e por isso, quando nós queremos contratar com a nossa mãe, como a nossa mãe está tão

atarefada a gerir a política do país, se quisermos propor algum contrato terá de ser primeiro por intermédio das suas secretárias. Primeiro temos de falar com as secretárias que a nossa mãe arranjou, e lá se a proposta for boa, quanto melhor for, mais vamos ver a proposta a chegar perto da mãe, até que a nossa mãe nos chamará para celebrarmos definitivamente o contrato de exploração. A nossa mãe é uma empresária e não tem tempo para brincar em serviço! E nós ou olhamos o que se passa à nossa volta e queremos acompanhar o mercado, ou ficamos de fora! E não tem mal nenhum querermos ficar de fora! Podemos sempre ser clientes, ser consumidores.

Quando as empresas andam bem, pagam *ordenados de felicidade* aos seus colaboradores e trabalhadores, não poluem ou poluem muito pouco o ambiente, são amigos das árvores e dos animais, não há com que preocupar e podemos ficar para sempre do lado do cliente ou do consumidor. Se os produtos que eu compro no mercado são realmente bons para o meu organismo, não põem a minha saúde em xeque, nem a minha privacidade, nem os meus dados, nem a minha integridade, nem a minha honra, eu não me importo nada de ficar para sempre do lado do cliente! Mas se vemos que as empresas não andam bem, que há circos com elefantes presos, eu vou querer também montar o meu circo, ganhar a licença para ser eu a montar o meu circo na feira e não o outro circo, porque no meu circo não há elefantes presos! Uso por exemplo um holograma, já que estamos no tempo dos hologramas, posso chegar em boa hora com um holograma de elefante. E perante o meu circo e o circo do outro, a Administração Pública fica obrigada a contratar comigo, porque o meu circo, que é a minha empresa, é mais sustentável que o do outro, porque eu não ando com a alma pesada a transportar elefantes de um lado para o outro.

Todo o nosso Direito é muito espiritual. Está cheio de alma! É por isto, que eu vejo o Direito dos Contratos Públicos com bons olhos. Porque para se conseguir contratar com a Administração Pública é preciso ter uma série de critérios. A Administração Pública agora vai ouvir! Ela está a ouvir! E ela quer ouvir! Mas ela quer ouvir é boas propostas! Se as propostas que tiverem em cima da mesa forem boas, ela vai querer contratar connosco! E neste nosso contrato, podemos ter a oportunidade de fazer as coisas bem, de fazer as coisas melhor que os outros já fizeram, de não repetir os erros dos outros. Porque enquanto há empresas que protegem e querem mesmo

proteger e pagar *ordenados de felicidade* e não ferir o ambiente, há outras empresas que, neste momento, estão a esgotar e desgastar o ambiente e todos os seus trabalhadores. Há empresas que fazem mal à saúde do ambiente e sobretudo à saúde dos humanos. E por ver isto tudo, comecei a apaixonar-me pelo Direito dos Contratos Públicos.

Se mais nenhum direito pode atualmente compelir tão bem como o Direito dos Contratos Públicos para a minimização do abate de árvores porquanto privilegiadamente impõe como critério de adjudicação papel reciclado, então que essa douta estrutura-jurídico-arquitetónica se deixe seduzir pelas verdes pinceladas com que se desenha todo o folgo do pulmão, que vem caracterizar a lógica do *Green public procurement*. E será nesta esteira esverdeada em que se arreiga este nosso Direito dos Contratos Públicos vinculado pela garantia desta *arquitectura sustentável* que nos permitirá seguramente ficar na Terra, sem termos de alinharmos com todas estas novas classes da ciência física pseudo-elitista, que nos querem teletransportar numa viagem tecnológica para Marte. (...)

Que se salvem os nossos recursos primeiro! Que se reeduquem os mercados! Parece-me com o Direito dos Contratos Públicos, seja possível reeducar os mercados! Seja possível rejeitar um *supercapitalismo*, um capitalismo *supertecnológico* hipnotizado pela busca alienígena do sistema de novos recursos em Marte, preferindo e perfilhando um *capitalismo inteligente dos recursos*! Um novo *capitalismo inteligente dos recursos* monitorizado não por um sistema automatizado da Internet das Coisas, mas por um sistema empático administrativista, que julgo que o *Direito dos Contratos Públicos Ecológicos* esteja em perfeitas condições de tomar posição privilegiada no palco verde, no douto palco do *Green public procurement*! Foi, mais ou menos, assim que eu apresentei o meu trabalho. (...)

(...) Parece-me intuitivo que se nós, virtualmente colocados na posição do sector público, fossemos melhores a comprar produtos ecológicos, poderíamos resolver imediatamente vários problemas. Estaríamos logo, (...) a proteger o clima e o ambiente, e depois estaríamos a gerar crescimento e emprego nas empresas que desenvolvem tecnologias ecológicas, em harmonia ou respeito da lógica do sistema económico.

Então, parece-me que, os *Contratos Públicos Ecológicos* sejam um dos elementos-chave para transformar o mundo no sentido de uma economia ecológica. E é por isto, que o Direito dos Contratos Públicos é o direito que está em posição mais privilegiada, neste momento, para proteger o ambiente, (...) Porque é aquele que pode exercer a sua sensibilidade, aquele que ainda se pode deixar-se fascinar pelos valores ecológicos e daí influenciar nas negociações, nas contratações públicas... (...) chamando as considerações ambientais enquanto critério de adjudicação, para adjudicar, contratar, com a melhor proposta de todas as propostas que estavam em concurso!

(...) Que se tragam os bons hologramas! Que se projetem as boas ideias! Que se tirem os elefantes dos circos e os devolvam à savana e que se tirem os golfinhos dos aquários e os devolvam aos oceanos! É este o holograma que eu vejo!

(...)

E fui, assim, ficando cada vez mais à-vontade naquela minha ala política. Vi que tinha o amor do Fred e do Xico e, de repente, vi a alma da professora a sair do seu corpo e a ligar-se à minha. Parecia que tínhamos os cérebros ligados um ao outro. E comecei a falar de temas mais sensíveis, sobre o combate do novo *eco-marketing ilicitamente inteligente* e do novo *branqueamento ecológico de capitais*, porque aqueles que se dizem “amigos do ambiente”, sendo verdadeiros inimigos do ambiente, sabem como concorrer e como contratar... Projetei e deixei assim projetado no ar uma data de questões num poético meu holograma: “quais as cores e os pincéis disponíveis para as entidades adjudicantes pintarem os seus contratos de verde?”, “será a contratação pública ecológica, a nova ditadora de mercados empáticos?”, “serão os novos mercados empáticos os novos ditadores da contratação pública ecológica?”, “porquê esverdear os tempos da contratação pública?”.

No meu capricho do esverdeamento do sistema e da “empatização” dos mercados, comecei por querer chamar a agricultura biológica aos meus *novos contratos de ecocatering*. Quer se trate de refeições para escolas, hospitais ou prisões, para cantinas de empresas ou serviços de fornecimento de refeições para reuniões e eventos, a Administração Pública é responsável pela aquisição de grandes quantidades de alimentos e bebidas todos os anos. (...) se já muitos

consumidores insistem em opções mais sustentáveis quando se trate de adquirir produtos alimentares, então definitivamente, a meu ver a Administração Pública não poderá naturalmente ser exceção.

Se eu, que sou uma pessoa singular, quando vou ao supermercado olho para dois produtos de marcas diferente (...) e prefiro comprar aquele que não tiver plásticos nenhuns, a Administração Pública que é uma entidade pública também tem de fazer isto. Não pode contratar com plásticos. Não pode contratar com açúcares. Não pode contratar com porcarias. Pode haver as piores porcarias no mercado e todos somos livres de consumir as piores porcarias do mercado, porque somos livres, mas a Administração Pública não é livre para comprar porcarias, porque está acorrentada a um Estado e rege-se por princípios jurídicos. E são os próprios princípios administrativos que impedem a Administração Pública de contratar com “os maus” que trazem toda a porcaria para dentro do sistema. A produção biológica, a escolha de alternativas mais sustentáveis e a redução dos resíduos alimentares e das embalagens parecem-me ser francamente medidas que possam fazer uma diferença mensurável! Em bom rigor, estima-se que os resíduos alimentares representem, pelo menos, 170 milhões de toneladas de emissões CO2 por ano – equivalente às emissões de um país da dimensão da Roménia ou dos Países Baixos.

(...)

No final, a regente chegou perto de mim, o meu coração batia fortíssimo com a presença dela, e à frente do Fred e do Xico, que testemunharam, parabenizou-me, dizendo que tinha gostado muito, que eu tinha sido muito poético, e que nessa minha “poesia” tinha metido “o velcro” exatamente nos sítios certos. Se a regente não tivesse chegado perto de mim e parabenizado e com toda aquela “palavrinha” que me arrepiou a espinha toda, eu não acreditava tanto como hoje acredito no Direito dos Contratos Públicos! Foi aquela “palavrinha” da regente, que eu não vi a regente a dar a mais ninguém nas outras apresentações, que me deu um certo peso, uma certa importância, um certo significado! E fez-me voltar a tudo aquilo que eu tinha dito e ver melhor o que é que eu tinha dito, porque eu tinha dito coisas que nem sequer tinha pensado nelas, porque estava só a falar do coração. E quando voltei a ver o que tinha dito, ganhei uma certeza, ganhei uma força. É

por isso, que é muito importante, um pai, um professor, um tio, um primo ou um amigo, às vezes, darem-nos “uma palavrinha de força”, porque pode ser “aquela palavrinha” que mude tudo! Não é preciso darem-nos coisas!

Basta darem-nos “uma palavrinha de força”, dizerem que acreditam em nós, dizerem que vamos conseguir! Porque vamos conseguir! Porque com essa “palavrinha de força” tudo se torna possível! Com essa “palavrinha de força” as coisas tornam-se mais nítidas! Há uma nitidez que se instala em nós! Essa nitidez altera tudo! Porque agora, simplesmente, vemos outras coisas, que não víamos. E quando as vemos já não conseguimos deixá-las de ver, porque se instalaram em nós. E o espírito administrativista do sistema instalou-se em mim. E eu, que fazia uma birra com o Direito Público, porque não via em si a sua utilidade para nada, via-o completamente extraterrestre, comecei a ficar com um saborzinho por ele. Mas foi aquela “palavrinha de força” da regente que me fez (...) acreditar na minha poesia.

(...)

CAPÍTULO III

QUANDO O DIREITO SE CASOU COM A MEDICINA

(...)

O Fred tira os vintes e os dezanoves dele comigo ao colo dele. Estamos sempre ao colo um do outro. Sou mais eu ao colo dele do que ele ao meu. Mas ele gosta de me ter ao colo dele e eu adoro (...) ficar ao colo dele, por isso, ficamos assim, estamos bem assim, somos felizes assim; é assim que somos felizes, ao colo um do outro, eu ao colo dele. (...) Para nós, os beijinhos e o colo sobrepõem-se a toda a economia. O nosso amor sobrepõe-se à economia de tudo e mais alguma coisa. E parece (...) que o nosso colo até anda de mãos dadas com a economia. Sem querer, somos mais económicos daquilo que queremos. (...) E a namorar, a namorar, a brincar, a brincar, (...) estamos em perfeita sintonia com o sistema económico. No amor, não vemos economia. Mas quando andamos de mãos dadas por aí fora, vemos tudo com economia. Vemos as coisas económicas. Quando passeamos de mãos dadas e (...) vamos passando pelas coisas económicas, (...) vamos olhando para a economia das coisas. (...)

E por vermos tão bem, é que nos metemos aos beijinhos ao colo um do outro. Aprendemos ali naquele colo. (...) E é ali naquele colo que, sem querer, vamos ligando o Direito à Medicina. (...) vamos casando o Direito com a Medicina. (...) vamos querendo chamar a classe científica ao Poder. (...) vamos querendo chamar a classe mais intelectual do sistema para mexer no *Sistema*. (...) vamos querendo chamar os ecologistas, os ambientalistas, os biólogos, os botânicos, os geólogos, os psicólogos e os médicos para formarem um partido e fazerem uma política mais apolítica, mais desinteressada, mais lúcida, mais esclarecida, mais verdadeira, mais transparente, mais informada, mais honesta, mais útil, mais científica, mais amorosa, mais ecológica. Porque é verdade que tudo é economia. Mas também é verdade que tudo é ecologia. E num braço de ferro jurídico entre a economia e a ecologia, quem ganha, quem vai ganhar sempre, quem tem que ganhar sempre, é a ecologia! É natural que de todas as classes, aquela que vamos querendo ver a subir ao Poder é a classe mais científica. E é assim, que naquele colo vamos vendo a classe mais informada ao Poder. (...) vamos vendo o Direito a celebrar contratos mais científicos.

(...) vamos vendo o Direito à Saúde. (...) vamos vendo o Direito da Nutrição. (...) vamos vendo o Direito do Património Genético. (...) vamos vendo o Direito da Edição Genética Preventiva. (...) vamos vendo a Organização das Nações Unidas, a Organização Mundial de Saúde, a “Fantástica-Nova” Organização Mundial do Ambiente, a Ordem dos Médicos, a Ordem dos Psicólogos, a Ordem dos Biólogos e a Ordem dos Nutricionistas como os referenciais *masters* do Direito. (...) vamos vendo *Os Autores do Sistema* de Sebastião Lupi-Levy. (...) vamos vendo que afinal, estamos mais perto de 2080 de Antoine Canary-Wharf daquilo que conjeturámos, desenhámos, esboçámos, (...) e que acabámos por legislar. Porque sem querer vamos legislando. Sem querer vamos, com esta nova tecnologia, legislando. E vamos legislando *À Velocidade da Luz* de Gil de Sales Giotto, como *Os Autores do Sistema* de Sebastião Lupi-Levy.

(...)

**O seu donativo é muito importante
para proteger a qualidade de
escrita do autor e não deixar o
espírito do autor morrer.**

**Não deixe o espírito deste autor
morrer.**

**Está nas suas mãos não deixar o
espírito deste autor morrer.**

**Faça um donativo ao autor para o
IBAN**

PT50 0010 0000 58544220001

ou MB WAY 965108603

«O Afonsinho também é primo da Mariana?»

«Sim... (...) As mães deles, do Afonsinho e das Marianas, de todas as Marianas, são irmãs do meu pai. A tia Rosarinho casa-se com o tio Domingos Côrte-Real e desse casamento nascem os primos Afonsinho, Mariana e Beatriz. A tia Giralda casa-se com o tio Manel Fráguas e nasce o Mané, o Xico e a Mariana. A tia Mafalda casa-se com o tio Luís Portugal e nasce a prima Mariana, o primo Martim e a priminha Matilde. (...)

A tia Bá é irmã da minha mãe e casou-se com o tio Tom Rot, de Berlim. Desse casamento nasceu a Sara, a Sílvia, a Sónia, a Susana, o Simão e o Sávio. O Sávio é aquele meu primo com síndrome de *Down*... Vive com a tia Bá (...). Eu cresci basicamente com o Sávio. Acho que de todos os primos, sou o mais ligado a ele. E de todos os irmãos, a Sara e a Sílvia são as mais ligadas a ele. (...) A Sónia vive em Cascais, ao lado da Susana, que vive ao lado da prima Sónia do tio Orlando. As casas delas são seguidas umas das outras, (...)...»

«(...) Essas tuas primas não foram todas tuas assistentes?»

«Sim, foram essas minhas primas que foram minhas assistentes.»

«Que coincidência! (...)»

«Não é coincidência nenhuma! (...) não houve ali “mão invisível” nenhuma, porque não foi ao calhas que fui aluno delas... Os assistentes olham para os nomes dos alunos inscritos e escolhem as turmas, elas simplesmente escolheram as turmas onde eu estava.»

«E depois eu é que sou maçónico!... Tu é que és maçõn e não sabes... Eu sei que uma delas foi tua assistente de Direito Fiscal e outra de Direito Penal...»

«A prima Sónia do tio Orlando foi primeiro minha assistente a Economia e depois a Fiscal, a prima Susana foi a Romano, a prima Sónia da tia Bá foi a Penal I e depois o professor João, que é o marido dela, foi meu assistente a Penal II e a Penal III.»

«Romano? Vocês têm Romano? Já percebi porque é que estás tão ligado ao Direito Penal... Deve ser giro um casal de penalistas...»

«Sim, temos Direito Romano logo no primeiro ano...»

«Tiveste boa nota?»

«Foi a minha pior nota... (...)»

Eu merecia ter chumbado! A prima Susana foi muito, muito, muito, querida e muito, muito, muito, compreensiva... Eu não abri sequer o manual de Direito Romano e nas aulas não ouvia nada, porque (...) só me vinha à cabeça (...) o Mateus (...)...»

«O Mateus???? (...)????»

«Sim... Eu nessa altura andava com o Mateus...»

«O quê???? (...)????»

«(...) o nosso namoro foi todo muito às escondidas... (...) Quem sabia era o Xiquinho, porque nos apanhou uma vez em flagrante; o Xiquinho fez logo de padre e casou-nos na hora e tivemos de prometer-lhe que nunca nos íamos separar um do outro. (...)»

(...) O Xico, de repente, só pulava de alegria, estava cheio de eletricidade e parecia que aquela eletricidade lhe estava a curar em segundos qualquer preconceito ou qualquer homofobia que ele pudesse ter.»

«O Xico era homofóbico?»

«Mais ou menos... O Xico via no Mateus um ídolo. Se o Mateus afinal era gay, então para ele já não fazia mal nenhum ser gay. (...)»

«E o Gabriel não sabia de vocês?»

«Nunca percebi muito bem... Mas depois conto-te melhor sobre o Gabriel, (...) Depois lembra-me para te falar sobre o Gabriel...»

«Fiquei muito curioso com o que aí vem sobre o Gabriel... Isso com o Mateus durou quanto tempo?»

«O meu primeiro e segundo ano da faculdade.»

«O que é que aconteceu?»

«Descobri que o Mateus não gostava tanto de golfinhos como eu gostava, (...) que me ia trocando pelo surf e por raparigas e que fumava muito charro, foi basicamente isto que aconteceu. Depois quando acabei tudo com o Mateus, li o manual de Direito Romano e afinal adorei Romano. Há quem cure os desgostos de amor com chocolates, (...) este do Mateus curei com os romanos.»

(...)

«(...) se o Xico é 3 anos mais novo que tu e que o Domingos, como é que ele foi vosso colega no 3º ano?»

«Porque eu entrei em Direito depois de ter concluído Economia, o Domingos depois de Gestão (...) mas só no 3º ano é que fomos colegas, porque ele estava na turma dos betos... Andámos os 3 juntos no 1º semestre do 3º ano, mas no 2º semestre o Domi foi para outra turma, porque não escolheu Direito dos Contratos Públicos como eu e como o Xico... Mas acabámos o 4º ano os 3 juntos.»

«Na turma dos betos?»

«Sim, na minha faculdade há duas turmas: a turma dos betos e a turma dos heterogéneos...»

«Então e porque é que tu não estavas na turma dos betos?»

«Porque eu não sou beto...»

«És pouco beto, só se for... Porque é que não estavas na turma dos betos?»

«Porque o sistema informático não achou que eu era beto, então pôs-me na turma dos heterogéneos...»

«Já vi que esse sistema é altamente falível... Quem é que está por detrás desse sistema informático?»

«Não sei... Mas há um mito na nossa faculdade que o pessoal de Cascais, algumas partes de Lisboa, vai tudo para a Turma A, que é a turma que dizem que é dos betos... E sabes, que há professores que só querem ficar com os da turma A, por causa desse mito? Dizem mesmo que preferem os da turma A aos da turma B... Ou seja, ainda alimentam esse mito... (...) eu vejo betos na turma A e betos na turma B... O que eu acho, se houver alguma seleção nas turmas, é uma espécie de seleção automática, mas por residência, uma seleção geográfica. Assim, (...) pessoal de Cascais e de algumas partes (...) de Lisboa, (...) vai tudo para a turma A.»

(...)

CAPÍTULO IV

REVELAÇÕES E DÉJÀ VÚS

«O Mathias (...) tem lá (...) duas bicicletas com pneus furados... E disse que basta comprarmos câmaras de ar se quisermos usá-las.»

«Comprar câmaras de ar? Nem pensar! Compramos remendos e vamos é remendar... Quero tanto comprar remendos e remendar! O meu pai remendou-me tantas vezes a câmara de ar (...)... Lembro-me tão bem de chegar a casa cheio de lama (...) e com os pneus tantas vezes furados. Eu, o Afonsinho, o Domi e o Xico metíamo-nos por entre as matas, descíamos as serras e (...) entretanto furávamos os pneus. O meu pai abria os pneus com a sua chave de fendas encarnada, mergulhava a câmara de ar num alguidar verde e viam-se as bolhinhas a sair onde a câmara de ar estava furada. Ele tirava a câmara de ar do alguidar e com uma esferográfica marcava uma bola no sítio onde tínhamos visto bolhas de ar a sair. Voltava a mergulhar a câmara de ar e

quando já não havia mais bolhinhas, então colava os remendos. Eu ficava fascinado a vê-lo naqueles trabalhos mecânicos.»

«O teu pai também faz tudo... É mecânico, barbeiro, paraquedista, médico, engenheiro, juiz... Só lhe falta mais uma profissão para ser o homem dos sete ofícios... (...)»

(...)

CAPÍTULO V

GENES E HERANÇAS

«(...) O meu pai perguntou-me se tu sabias jogar golfe...»

«E o que é que tu disseste?»

«Disse que sabias!»

«Ó, Fred!... Eu fui caddy do meu tio Orlando durante dois verões... Não sei jogar golfe...»

«Então, agora és caddy do meu pai...»

«Obrigado! Arranjaste-me um emprego?»

«Sim... Gostas?»

«Adoro!»

(...)

«(...) E então, baby...? Esse 3^o *Itinerário Dos Namorados* ainda não está pronto? Estou tão entusiasmado para incluir a minha surpresa...»

«Já te enviei, amor... (...) Como é que vais incluir a surpresa no IDN se vais ter de o imprimir para o levarmos para a viagem...? Sabes que o IDN para além de um guião vai ser o nosso mapa... Tem as estradas, tem tudo amor... É um guião-mapa... Até tem poemas e tudo... Poemas que eu escrevi para ti... Cartas de amor... Até há cartas no IDN, vê lá...»

«Obrigado, amor! Eu vou pôr a surpresa numa imagem e vou desfocá-la, depois quando voltarmos dos Açores imprimimos a imagem focada e agrafamos ao IDN...»

«BABY!!!! NÃO TE ESQUEÇAS DE IMPRIMIR O 3º ITINERÁRIO DOS NAMORADOS EM PAPEL RECICLADO!!!! SENÃO AS ÁRVORES ZANGAM-SE, JUNTAM-SE TODAS E FAZEM-NOS UMA MACUMBA! OLHA, QUE EU ACREDITO EM MACUMBAS!»

«Baby... O nosso amor já é uma macumba... Não te preocupes que não há macumbas que possam desfazer a macumba do nosso amor... Nem as árvores... Quanto mais bruxos e feiticeiros... É claro que eu vou imprimir o nosso IDN em papel reciclado! Nós gostamos de árvores! Nós vemos árvores!»

«Será que por vermos árvores é que vemos amor?»

(...)

CAPÍTULO VI

UM PRÍNCIPE E UM DUQUE NUM ALMOÇO DE REIS E INFANTES

*** Sábado, 8 de fevereiro de 2020 ***

(...)

«Eu e o Fred quando estamos a passear...»

«Vocês passeiam de mãos dadas na rua?» perguntou Joachim.

«Que rude, Joachim Münnich! O Jaime ia contar uma história com o seu irmão e interrompeu-o! Não se interrompe assim! Vê-se mesmo que é o irmão mais novo da família!...»

«O Jaime não ia contar uma história, ia contar uma rotina e aposto que a mãe quer saber se eles dão ou não dão as mãos na rua...»

«Por acaso, quero! Fiquei curiosa...»

«Depende... Das horas e dos sítios... Tu também és Münnich? Julgava que só o Fred é que era Münnich...»

«Eu vou explicar: o que tem o nome mais completo é o Fred. O Fred chama-se Frederick Carlsen Münnich von Der Maase. Nenhum outro irmão tem Carlsen. Carlsen vem da Casa Real da minha mãe.»

«Que se chama, tia?»

«O nome da minha mãe?»

«Sim...»

«Ah! Elisabeth. Só o Fred é que ficou com o Carlsen. Depois Münnich tem o Joachim e o Fred. O Joa chama-se Joachim Münnich von Der Maase.»

«Pois, eu gostava também de ter o Carlsen! Aposto que é por isso que o Jaime escolheu o Fred e não me escolheu a mim, porque eu não tinha Carlsen.» disse o Joa com imensa graça fazendo uma espécie de beicinho.

«Tu és mesmo um puto mimado! Olha-me para essa birra! Eu não tenho nem Carlsen nem Münnich... E não preciso, sabes porquê, puto? Porque sou o irmão mais velho, sou eu que vou subir ao trono!»

(...)

Parecia que os von Der Maase tinham esperado religiosamente por este momento e riam-se todos da verdade que estavam prestes a dar-me.

«Fred!!! Nunca me contaste nada sobre isto!!!»

«Segredos de família, meu amor! Só o Albert te pode contar! Mas se o Albert te contar, será noite de núpcias certas com o filho do meio...» gozou-me o Fred.

«Noite de núpcias???? E o casamento????» perguntei.

«Digamos que esta verdade será o passaporte para o casamento... Sem ela, nada feito... Sem ela, fica tudo sem efeito!»

«É verdade, filho! Sem a verdade, fica tudo sem efeito. Mas como o Jaimezinho já há muito tempo veio pedir aqui ao pai, a mão do seu filho do meio, Frederick, e como o filho do meio quer noite de núpcias... O pai vai dar a mão e a verdade ao Jaimezinho...»

«O quê??? O pai vai dar assim de bandeja o nosso maior segredo de família??? Vai dar já tudo de bandeja??? Não dê...» entusiasmava-me ainda mais o Maths.

«Stephan Münnich...» começou a contar Albert num tom de reis e castelos «Vai-se casar com Greta (...) e desse casamento nascem dois irmãos gémeos, Arnold e Birgitte. O Arnold casa-se com Elisabeth (...). A Birgitte casa-se com um outro Arnold, não se casa com o irmão gémeo, mas casa-se com um homónimo do irmão. (...)

(...) E eu pergunto ao Jaime, afinal quem são esses Arnold e Birgitte?».

«São os seus pais!»

«Exatamente! Meninos, viram? O Jaime vê a árvore como nós a vemos... O Jaime consegue ver a nossa árvore! (...) como diz Gil de Sales Giotto, *À Velocidade da Luz...* (...) *“quem vê as árvores não tem fantasmas à frente dos olhos, porque os fantasmas não assombram aqueles que veem as árvores, porque simplesmente não os conseguem assombrar”*»

«*“Quem anda com as raízes das árvores e os troncos das árvores gravadas na sua mente, no seu espírito e no seu coração anda sem fantasmas e demónios. Porque nenhum fantasma consegue hackear uma mente, um espírito ou um coração que vê as árvores. Porque*

a tecnologia desses fantasmas e desses hackers serão sempre inferiores a uma mente cheia de árvores, cheia de oxigênio, a uma mente que mais parece um arvoredo. Porque são os próprios fantasmas que têm medo desses arvedos. E por isso, não conseguem hackear nada: nem a mente, nem o espírito, nem o coração”», parafraseámos os dois, eu e o tio, Gil de Sales Giotto, num coro bonito demorado.

«Ah! Jaime, seu malandro! Também anda a ler Gil de Sales Giotto (...) *À Velocidade da Luz?* Estou impressionadíssimo! (...)

A escrita dele... Ah! É tão tecnológica... Eu que sou oftalmologista e estou sempre a mexer com o raio laser, cada vez que abro o livro dele, parece que ele com a sua escrita está a fazer-me uma cirurgia a raio laser e eu estou ali a sentir e deixo-me estar, porque é fantástico! (...)

«Para mim, é o melhor! Para mim, que sou neurocirurgiã, estar a lê-lo parece que é como se a escrita dele se transformasse em bisturi e estivesse ali a curar-me... Eu diria que a escrita dele é elétrica... Eletrizante... Posso dizer eletrizante, não posso?»

«O quê??? Também tu andas a lê-lo??? Às minhas escondidas???»

«Claro! Comecei a receber assim umas cartas tuas, assim meio seculares, meio futuristas... Quis saber donde vinha essa tua nova alma... Fui bisbilhotar a tua biblioteca ultra secreta e encontrei *À Velocidade da Luz*, de Gil de Sales Giotto, marcado, mesmo na mouchel!»

«Mas porque é que as mulheres têm de andar a bisbilhotar?...»

«Ó, pai!... Não acredito que anda a fazer cópias *À Velocidade da Luz*, de Gil de Sales Giotto e a transformá-las em cartas de amor para a mãe...»

«Deve ser para competir com as cartas do tio Frej...» disse atrevidamente a Helena, respondendo ao Joaquim.

«Ah! É verdade!... Ainda bem que falou do seu tio Frej, para continuar a desenhar aqui a nossa árvore ao nosso Jaimezinho... Ora, desse casamento do Arnold e da Birgitte, meus pais, não nasceu só um Albert, como nasceram dois!»

«Ah!... Não posso!... Outro gémeo?! O tio tem um irmão gémeo???»

«Sim, o Frej...»

«Eu também tenho um irmão gémeo.» disse Catharina, «o meu chama-se Amleth. Somos só os dois, não tivemos mais irmãos. Como o Albert e o Frej.»

«O meu pai nasce do casamento do duque JØrn von Der Maase, o duque dos duques, o duque dos mais duques e da duquesa Margareta (...), a duquesa de todas as duquesas, a mais duquesa de todas. Esse casamento custou uma fortuna e deu uma fartura de gémeos: Margareta (...) deu à luz trigémeos!»

«Trigémeos??? Uau!...»

«Há o Hendrik que foi viver para Estocolmo, por isso têm casa na Suécia.»

«Fred!!! Nunca me disseste que tínhamos casa na Suécia!!!» gritei de felicidade, «Eu adoro a Suécia e nunca estive na Suécia, mas é como se tivesse o meu cérebro sempre ligado à Suécia, parece que o meu cérebro está sempre na Suécia, não consigo explicar o porquê dessa tecnologia que sinto da Suécia em mim...»

«Então tem de ir à Suécia para se destecnolizar... Se sente em si uma tecnologia sueca, tem de ir à Suécia para a Suécia lhe tirar essa tecnologia... Frederick! Tem de combinar com o avô Hendrik para levar o Jaime à Suécia; quando, depois, vierem dos Açores, veja se lhe telefona para irem!»

«Sim, quando voltarmos vou telefonar ao avô Hendrick... Mas primeiro, acho que ainda queríamos ir à Islândia e à Noruega ver as auroras boreais... Não era, amor?»

«Sim... Mas podemos sempre ir visitar o avô Hendrik primeiro, amor...»

«Muito elegante, Jaime, deixe-me que lhe diga...! (...) Desconfio que o Hendrik deve ser para o Frederick mais avô do que o Arnold...»

«Não! Gosto dos dois, pai... É como se fosse um segundo avô...»

«Não! O Hendrik é como se fosse para si o avô e o Arnold é como se fosse um segundo avô...»

(...)

«Pai! Isso não é verdade! Eu não gosto mais do avô Hendrik do que do avô Arnold... Simplesmente, sou mais ligado ao avô Hendrik do que, se calhar, a Helena, o Mathias e o Joaquim...»

«Mas é isso que eu estou a dizer... É mais ligado... Para si, o Hendrik é mais avô do que o seu avô... Helena como é que chama ao Hendrik? Quer ver, Jaime...? Ore, repare...»

«Tio, claro!»

«Mathias?»

«Tio, também!»

«Joa?»

«Também chamo tio...»

«Ou seja, o único que chama avô ao Hendrik, que é o irmão do meu pai, é o Frederick.»

(...)

**O seu donativo é muito importante
para proteger a qualidade de
escrita do autor e não deixar o
espírito do autor morrer.**

**Não deixe o espírito deste autor
morrer.**

**Está nas suas mãos não deixar o
espírito deste autor morrer.**

**Faça um donativo ao autor para o
IBAN**

PT50 0010 0000 58544220001

ou MB WAY 965108603

«Tio... Lamento desiludi-lo... Mas tenho de confessar que Direito Fiscal não é o meu forte...»

«Não digam nada, mas o Jaime só teve boa nota a Direito Fiscal porque era primo da professora...» contou divertidamente Fred.

«Não se preocupe, Jaime! O Direito é mesmo assim! Está cheio de casamentos, de primos e de cunhados... Faz parte das relações sociais... Faz parte da nossa realidade social... Não vale a pena estar a inventar nada...» desculpou-me Albert.

«E largavas o teu Direito, largavas tudo pelo meu irmão?» perguntou-me Joa.

«Claro, Joa!» respondi-lhe.

«E sabes falar alemão? Dinamarquês, eu posso ensinar-te...» disse Joa.

«O teu irmão já meu deu o toque para começar a aprender alemão, caso o Governo resolva ficar inimigo dos médicos... E dinamarquês tenho-te sempre a ti, para dar uns toques...»

«Obrigado Joa, mas a Dinamarca paga o curso intensivo do Jaimezinho.» intrometeu-se Fred, «Há uma empresa que recruta médicos portugueses especialistas para a Dinamarca. Dão o curso intensivo e o alojamento durante 6 meses ao médico e ao seu parceiro para aprenderem o dinamarquês e depois na Dinamarca não descansam enquanto o parceiro do médico não estiver feliz a trabalhar na sua área de trabalho que tinha em Portugal ou noutra que se sinta mais feliz. Por isso, depois da especialidade é uma hipótese irmos para a Dinamarca. Mas tudo vai depender do Governo. Vamos ficar com os olhos postos no Parlamento. (...»

(...)

«(...) Devemos decidir as nossas vidas com os olhos postos no Parlamento. Se o Parlamento está sem coração e anda para ali todo despido a

querer fazer guerra com os médicos, os médicos têm de fazer guerra com o Parlamento!» disse Albert.

«Sim, acho boa ideia decidirmos as novas vidas com os olhos postos no Parlamento...» disse Fred.

«Ou então, criam um partido e assaltam o Parlamento...» disse Albert.

«Vamos criar o Partido dos Médicos!» disse Joa.

«Não... Vamos criar o Partido dos Médicos e dos Namorados...» disse Fred.

«Não... Já sei! Vamos criar o partido MAN...» disse.

«MAN?» perguntaram em coro Fred, Joa e Helena.

«Isso mesmo! Os MAN!» repetiu Albert aquilo que eu disse sem saber ainda o que significava.

«Sim... O partido dos Médicos, Amigos e Namorados...» disse.

«Ya... Toda a gente vai votar em nós, porque toda a gente quer ser amigo dos médicos...» disse Fred, parecendo uma criança.

«Sim... Ninguém quer ser inimigo dos médicos...» constatou Catharina.

«Só um Governo ao contrário, a pensar ao contrário, (...) anti-científico, é que pode querer ser inimigo dos médicos...» disse Albert.

«Sabiam que o partido “dos verdes” propôs no Parlamento um aumento de 20% dos ordenados dos médicos e enfermeiros, mas foi chumbado?» trouxe Joa.

«Quem é que votou contra? Temos de rebobinar para trás as câmaras que estão instaladas no Parlamento e ver quem é que são os inimigos dos médicos...» brincou Albert.

«Sabiam que uma psiquiatra que ganha 1700 € veio dizer que dá para ter uma vida boa em Portugal como médico especialista e que ela está no Serviço Nacional de Saúde, por opção, a ganhar os 1700 € e é muito feliz com eles?»

«Pois que fique com eles, mas que não venha trazer a sua pequenez a Portugal que Portugal já é muito pequenino!!! Talvez ela ache que seja feliz com 1700 €, porque nem saiba que há auroras boreais e que com 1700 € nem consegue passar uma semana fora de Portugal para ver auroras boreais.» disse Albert enervadíssimo, (...) «Mas onde é que 1700 € é funcional para quem tem ambições e não quer perder nem 1 segundo do mundo e da vida real? (...) É que depois, o Governo ouve isto e acha que está tudo bem, só porque há uma psiquiatra (...) a vir dizer que está muito bom um médico receber 1700 €. Pois se há um médico a dizer isto e o Governo a ouvir isso, então que também me oiça a mim a dizer isto que eu digo!»

«Mathias!!! Tanto tempo!!! Queremos chá!!!» gritou Catharina à mesa com o corpo e pescoço todo inclinado e para trás fazendo ecoar a sua voz ao longo de todo o casarão.

«Já vou!» ouviu-se Mathias não sei de onde.

«Onde é que está o Mathias? Tanto tempo! Que chatice!»

«Aposto que está no Grindr a combinar um date para logo à noite...» gozou Joa.

«Mas agora não é hora para estar a combinar encontros com desconhecidos! Agora era a hora de estarmos a tomar chá!» respondeu Catharina dando acolhimento a Joa, «MATHIAS! SAIA DO GRINDR!!!! ESTÁ A OUVIR??? SAIA DO GRINDR!!!! OLHE, QUE EU MANDO-O DESINSTALAR ESSA COISA!».

«A Catharina é tão engraçada, não é? Eu e a Catharina viemos cá para Portugal com clínicas, senão não teríamos vindo. Fizemos uma pequenina fortuna lá fora. Fortuna que nunca faríamos se tivéssemos nascido em Portugal. E fizemos a nossa fortuna só com os nossos cérebros. Não tivemos ajudas nenhuma. Portugal está muito mal feito nesse aspeto. Parece que não

deixa enriquecer. Portugal está feito para não deixar enriquecer. Ou se nasce rico ou fica muito difícil enriquecer. Demora-se muito para enriquecer em Portugal. Portugal parece um processo. Portugal vê as coisas sempre aos degraus, acha que temos de ir subindo devagarinho, muito devagarinho, porque “a vida é assim mesmo” e temos de passar por coisas na vida que só Portugal “é que vê estas coisas” como fazendo parte do “processo da vida”... Portugal acha que temos, todos, primeiro de arrendar um T1zinho e só depois de estarmos já endividados e presos ao sistema bancário, é que podemos pensar num T2 ou num T3... Não tem visão de topo! Falta esta visão de topo a Portugal! De pensar mais à frente! De pensar na reforma! Não tem graça nenhuma só sermos ricos na reforma... Que graça é que isso tem? Não tem graça nenhuma... E aquilo que se paga aos médicos em Portugal não tem graça nenhuma, mesmo! Como é que é possível, num país pagar-se mal aos médicos? Aos médicos!!!? Quem é que paga mal aos médicos? A medicina é naturalmente a profissão de topo e tem de ser muito bem recompensada! São anos de estudo! De um estudo científico! Não é brincadeira nenhuma!!! (...) Portugal está bom é para quem vem de fora. (...) O Jaime diga-me que casa é que consegue comprar com 2 mil euros...? Não consegue! Vai o quê? Andar sempre a arrendar casas? A saltar de casa em casa? A saltar de contrato para outro contrato? A saltar de senhorio para senhorio? A saltar de regulamentos para regulamentos? A saltar de câmara para câmara? Já há câmaras de vigilância nas cozinhas??? Câmaras de vigilâncias nos corredores??? Já há senhorios que são responsáveis pelo processamento e tratamento de imagem dos seus inquilinos??? A propriedade privada é o sentimento de segurança humano mais importante e é preciso ter dinheiro para se poder comprar um bocado de terreno para plantarmos uma árvore e ter filhos! É preciso ter dinheiro para convidarmos os nossos filhos a nascerem! É preciso haver fartura! É preciso haver fartura de comida, haver recursos, haver metros quadrados, haver recantos privados para todos! Só assim, é que faz sentido trazer filhos para o mundo! E é com 2 mil euros??? Vai o quê? Ficar a pagar um apartamento minúsculo, se calhar, para o resto da sua vida em que metade do seu ordenado é para ir pagando a casa e o (...) que sobra (...) é para você ir sobrevivendo? (...) Portugal não está a pensar bem... É triste ter de se dizer isto, mas quem andou a pagar as propinas de 1000 euros de 6 anos dos meus filhos, fui eu! E eu tenho 4 em Medicina, por isso veja bem a minha vida “de rico”... Veja lá o Jaime, que até o sistema parece que anda a gozar comigo... Parece mesmo que

anda a gozar, porque até quer proibir os meus filhos de virem trabalhar como médicos para a minha clínica. Não quer deixar enriquecer os meus filhos! E você que namora com um dos meus filhos, o sistema também não o quer ver rico a si, Jaime! Porque se o Frederick não enriquece, você não enriquece! E se você não enriquece, o Frederick também não enriquece! Bastava um dos dois enriquecer, para vocês os dois ficarem ricos! Mas o sistema nem a si o quer ver rico, nem ao Frederick! Nos Países Baixos, os advogados são muito bem pagos, mas cá não! E sabe porque é que são bem pagos como os médicos são? Porque são duas profissões que exigem estudar durante toda a vida, porque um advogado ou um médico estão em permanente atualização! Essa sempre atualização e esse constante *upgrade*, os Países Baixos pagam muito bem! E Portugal, por exemplo, devia imitar os Países Baixos! *Os Autores do Sistema* de Sebastião Lupi-Levy é que têm mesmo razão, porque hoje o que acontece é que o Jaime tem um mercado que olhou para os advogados e capturou-os a todos. Tem um mercado editorial que olhou para os escritores e capturou-os a todos. O Jaime amanhã é advogado, e se tiver sorte de ter na família já alguém com uma firma não é explorado e consegue, por ser filho ou sobrinho ou namorado ou primo, receber 2 mil... Mas estes 2 mil é com muita sorte na advocacia em Portugal... O mesmo com os escritores. (...)

(...) Esta ideia estúpida que não tem outro nome e que é completamente antagónica a um sistema de Estado de Direito Democrático, que é a de Portugal querer prender, aprisionar, os médicos ao Serviço Nacional de Saúde, numa espécie de exército militar, proibindo-os de irem para o privado para poderem comprar casas melhores, comidas melhores e viagens para irem desanuviar, é surreal! Surreal!!!! Isto só em Portugal! Se os médicos em Portugal ganhassem bem no público era uma coisa. Mas é preciso dizer-se e sublinhar-se que os médicos em Portugal ganham muito, mas muito, muito, mal (...). Sabe porque é que o Joaquim anda a aprender neerlandês desde que entrou na Faculdade de Medicina, Jaime?»

«Porque nos Países Baixos pagam muito bem aos médicos...»

«Pagam muito bem? Pagam aquilo que justamente é justo pagar-se a um médico! Sabe quanto é que pagam, Jaime?»

«Não tenho ideia, tio...»

(...)

«Nos Países Baixos, 10 mil é o que ganha um médico interno, por exemplo. Sabe quanto é que ganha lá um especialista? Mais que o dobro. Um dermatologista, por exemplo ganha 21 mil euros. Olhe o Mathias... O Mathias fala alemão desde pequenino... Ele quer ir para a Alemanha. Na Alemanha um especialista ganha 4 mil... Na Alemanha, na Suécia, na Finlândia, na Noruega... Na Dinamarca ganham 5 mil...»

«Queres vir comigo para a Alemanha, Jaime? Podia dar-te uma boa vida... 4 mil beijos de amor todos os meses... O meu irmão se ficar cá em Portugal, vai dar-te o quê? Uns míseros mil e 400 beijos por mês...? Tu não te podes contentar com mil beijos por mês... Não nasceste para isso... Tu sabes que não nasceste para isso... Vá lá, Jaime...! Vamos os dois para a Alemanha!... Fica comigo!» voltou Maths a entrar em cena (...) «Sorriam, vou disparar!».

«Mathias!!! Nem sequer preparei-me para a fotografia! Não pode tirar assim fotografias!» gritou Catharina, «Ainda por cima com essa máquina que só tem 27 fotografias... Não se pode gastar fotografias assim à toa... Vá... Tire outra!...»

«Ó, puto!» dirigiu-se Maths a Joa, «Anda tu agora para aqui tirar uma fotografia que eu também quero aparecer.»

«Nem pensar! Eu não vou sair de cena! A Helena que tire...»

«Eu posso tirar...» levantei-me para tirar a fotografia.

«Jaime! Nem pensar! Você fica! Sente-se, por favor! Joaquim ou Helena, um dos dois... Vão lá tirar para o vosso irmão também ficar com uma fotografia deste nosso almoço de reis e infantes...» disse Catharina.

«Eu não sou infante. Eu sou príncipe.» reivindicou Maths o seu título nobiliárquico.

«Não! Neste almoço, o príncipe é o Frederick que nos trouxe o seu amado duque: o nosso Jaime.» esclareceu Catharina, sorrindo delicadamente.

«Muito obrigado, tia. Gosto muito do meu novo título.»

«Eu posso tirar a fotografia.» disse Helena.

«És mesmo bacana, maninha.» disse Maths entregando a máquina fotográfica a Helena e correndo desalmadamente para mim, «Jaime, vou para o teu colo! Fred, tira as mãos! Quero sentar-me ao colo do teu namorado.».

«Vá, sorriam!» disse Helena.

(...)

CAPÍTULO VII

UMA VISITA INESPERADA NO CHÁ DAS 5

(...)

«Mathias... Não desespere... As tecnologias para nos hackear o cérebro e a mente já existem... Só tens de torcer para que o Direito ceda à pressão do mercado e em breve poderás aceder àquilo que vemos e pensamos em tempo real... Poderás ver *A Velocidade da Luz* de Gil de Sales Giotto tudo aquilo que insistimos em gravar só com a mente...»

«A tua mente revelada como um rolo fotográfico... Gosto da ideia...» disse-me Maths.

«Claro que um transumano, um humanoide, um “super-humano-tecnológico”, como tu, gosta da ideia...» respondi.

«Sabem quem é que inventou o rolo fotográfico?»

«Não sabemos pai, mas já sabemos que vamos todos ficar a saber...» disse Maths.

(...)

«George Eastman, um verdadeiro filantropo, inventor da película, do rolo do filme fotográfico (...)

Eastman começou a intrigar-se com a forma como se fotografava. Ele achava que era um processo complicado. E era. Tinha de se revestir uma placa de vidro com uma substância química líquida e depois tinha de se ir a correr revelar antes que a substância secasse... E ele lá conseguiu engenhosamente uma chapa fotográfica seca e foi depois a correr patentear a sua invenção junto de Inglaterra e dos Estados Unidos da América. Quando tiramos uma fotografia com estas máquinas (...) registamos uma “imagem latente” no rolo. E a revelação fotográfica não é mais do que o processo de transformação da imagem latente numa imagem visível através de um processo químico... Quem é que daqui não andava na passa e não faltava às aulas de físico-química e sabe o nome do processo químico?»

«De oxido-redução, tio?»

«Muito bem, Jaime! A nossa nova substância fotográfica seca, trazida pelo nosso Eastman, é uma camada de cristais de halogeneto de prata sensíveis à luz. A luz, transforma os cristais em prata metálica. Através da oxido-redução, a revelação fotográfica aumenta 1 bilhão de vezes a energia que foi captada, transformando a imagem latente “presa no rolo” em prata metálica, ou seja, numa imagem visível, porque a tecnologia que *O Deus Tecnológico* de Simão Roncon-Oom nos instalou a todos nos olhos, permite-nos ver a prata metálica. É por isso que ligamos à prata, ao ouro... Ligamos, porque os vemos. Eles pertencem à nossa realidade. (...) em 1888 (...) A nova câmara podia ser transportada para qualquer lugar e era pré-carregada com filme suficiente para 100 poses.»

«Vês, amor? Somos mesmo empreendedores... A nossa ideia de carregar estas máquinas de rolo com mais fotografias ou simplesmente trocar o rolo para que “as máquinas descartáveis” pudessem sobreviver nesta Era verde de sustentabilidade, afinal já vinha de 1888.» comentei com Fred.

«A história é cíclica. A economia é cíclica. O cérebro é cíclico. O cérebro acaba sempre por voltar lá atrás. E quando o cérebro volta, a economia também volta. A história comprova-se cíclica.» respondeu-me

Albert, (...) «(...) O nosso Eastman não teve mulheres nem filhos, mas doou mais de 100 milhões (...)» continuou Albert, «(...) Na sua filantropia focou-se na medicina dentária, doando dinheiro a clínicas dentárias (...) acreditando que as crianças poderiam ter maiores chances na vida se tivessem uma melhor aparência, uma melhor saúde e um maior vigor nas gengivas, dentes, boca, nariz e garganta se os cuidados fossem tomados logo na infância, (...) Fez também significativas doações ao *Massachusetts Institute of Technology*, o MIT, que é a uma das melhores universidades do mundo. O MIT segue um modelo muito curioso que deveria ser copiado em relação às admissões dos estudantes em universidades privadas. Não é preciso o estudante ter tido a sorte de ter calhado numa família com dinheiro. Se um estudante tem as *skills* para entrar, ele entra no MIT independentemente de ser pobre ou rico. O que interessa são as *skills*. Se o estudante teve um papel importante no desporto, na música ou na escrita, o estudante é muito bem-vindo. O talento deve ser sempre bem-vindo, porque o nosso talento para as coisas é aquilo que de facto nos diferencia de todos. Nós temos todos um talento natural. O importante é descobri-lo e simplesmente deixar o nosso cérebro explorá-lo da melhor forma. Quando deixamos o cérebro conhecer a espírito que há nele, a alma que há nas coisas que o cérebro produziu, o cérebro torna-se um passaporte para tudo! O que interessa é o cérebro, o espírito e a alma com que se nasceu, mais nada! (...) Porque se os pais não têm dinheiro para o estudante ir para a universidade, é a universidade que paga tudo. Dá o alojamento, dá a alimentação, os materiais, tudo o que o estudante precisar para poder ingressar e depois prosseguir os seus estudos. Em cada 4 estudantes, 3 estão a estudar no MIT porque têm uma bolsa para poderem estudar. (...) a mente é que é a elite. A nossa elite deve ser sempre a nossa mente. É lá onde está a nossa elite, a elite do pensamento. (...) Qualquer sistema, seja o sistema universitário, o sistema administrativo ou o sistema bancário deve saber ser inteligente e financiar tudo aquilo que seja inteligente. Isto é o meu capitalismo inteligente dos recursos.»

«Esse capitalismo é meu, tio...»

«Pois é, só lhe falta o capital. A ideia é sua. E eu financio-a. Sou o seu banco. Eu banco a sua ideia. Porque a ideia do Jaime merece todo o crédito. Sem querer instalar-lhe nenhuma *Paranóide Tecnológica* de Federico Ferrari, vou teletransportá-lo para *A Pegada Digital* de Ralf Kleba-Kodak e mostrar-lhe o

target do seu capitalismo inteligente dos recursos: o Xico hackeou-lhe o trabalho “das verdes pinceladas” de Contratos Públicos, o pai do Xico hackeou o Xico e eu hackeei o pai do Xico. E os amigos fazem “estas brincadeiras de *hacking*”... Mas também tem outro *target*: o Xico hackeou-lhe, o Frederick hackeou o Xico, o Mathias hackeou o Frederick e eu hackeei o Frederick. Foi o MIT que acompanhou e viu de perto a tecnologia e quis que avançássemos na Era digital. Além de desenvolver as modernas tecnologias de computação e rede, há ali um pequeno laboratório de Inteligência Artificial que desenvolve uma economia embrionária que quer sair para fora dali para o mercado. Todos os dias no MIT, cérebros humanos que estudam os circuitos digitais e as linguagens do computador ligam-se às máquinas e aos robots. Foi o MIT que criou grande parte da gíria e da cultura moderna dos hackers. A cultura hacker é uma subcultura que nasceu no MIT, a partir dos estudantes que desfrutavam do desafio intelectual de superar criativamente as limitações dos sistemas de software para alcançar novos resultados inteligentes. O *hacking* é a programação em si, com espírito de diversão e exploração. Mas aquilo que define um hacker, não é ele programar ou não, mas sim, a forma como o faz, se o faz de forma entusiasmante ou não. Se há uma emoção naquilo que faz. Se há uma adrenalina naquilo que faz.»

«Eu juro, por tudo, que adoro hackear o voss’O *Algoritmo do Amor*... Fico cheio de adrenalina! De adrenalina e emoção!! Emociono-me tanto a ver a tecnologia do vosso amor... Fico tão emocionado...» zombou-nos Maths.

«Assim, podemos dizer que atividades inteligentes divertidas têm um valor de *hack*, e foi assim que os hackers originalmente surgiram, na década de 60, do *Tech Model Railroad Club* do MIT e do Laboratório de Inteligência Artificial do MIT. Os hackers entravam em áreas proibidas ou restritas do MIT de maneira inteligente e faziam brincadeiras sem causar grandes danos.» disse Albert.

«Tal e qual como eu, quando penetro nas vossas janelas amorosas... Consigo penetrar sem causar grandes danos...» riu-se sozinho Maths em fortes gargalhadas, «Mas são só umas brincadeiras...» e continuou a rir-se sem companhia.

«Os hackers desta subcultura tendem a diferenciar-se dos outros que eles próprios chamam pejorativamente de *crackers*. Os *crackers* são aqueles que estão focados em explorar as fraquezas da segurança dos computadores e dos telefones e que sacam e difundem os dados que vão encontrando e que são aqueles que são por todos mencionados como “hackers”, incluindo pelos media quando vêm trazer escândalos de Direito, Tecnologia, Cibersegurança e Criptografia. Ora, estes não são os verdadeiros hackers. São *crackers* que usam “a sua esperteza” e não inteligência para propósitos malévolos...» disse Albert.

«Os *Cavaleiros Tecnológicos* de Barac Bielke, então são *crackers*...» constatei.

«Nem todos os *Cavaleiros Tecnológicos* de Barac Bielke são *crackers*... Eu sou um dos teus *Cavaleiros Tecnológicos* e sou um hacker... Sou dos bonzinhos... Penetro, mas sem causar grandes danos...» voltou Maths a trazer aquelas fortes gargalhadas e a ficar a rir-se sozinho, «(...) tenho asas e tudo... Não as vêes, Jaime?»

«Não, não as vejo, Maths...»

«São invisíveis... Se me deixares pôr-te os meus óculos de realidade virtual aumentada ficas logo a ver-me de asas...»

«Então, pai, os amigos do Jaime do *Target – A Pegada Digital*, de Ralf Kleba Kodak, são *crackers*...?»

«Sim, podemos dizer que são *crackers*, Joa.» respondeu primeiro Albert a Joa dirigindo-se depois a mim, «Qualquer que seja o seu *target*, o Jaime pertence à sociedade de informação tecnológica e nesta tecnológica sociedade, eu sei que o Jaime é inteligente e que a sua inteligência merece um crédito, merece um financiamento. É isto que deve acontecer! É isto que tem de acontecer! E que era isto que deveria acontecer para todas as escolas privadas no novo modelo de escolas privadas. E por isso, parece que o nosso Eastman apostou muito bem em doar generosamente ao MIT. E eu espero que o Jaime imprima este meu capitalismo empático, que é a minha economia, a minha visão romântica de ver as coisas, no seu romance, para que *Os Autores do Sistema* de Sebastião Lupi-Levy numa Internet das Coisas incluam este novo modelo de escolas privadas na sua próxima *Grande Reunião*, antes de assaltarem

o Parlamento. Assim, o Jaime assalta por mim o Parlamento e eu assalto pelo Jaime o banco. O Frederick disse-nos que está a escrever um romance...»

«É impressão minha ou o pai acabou de celebrar um contrato bancário com o Jaime?» perguntou Maths.

«Não. O que eu estou a celebrar com o Jaime é um contrato espiritual. Nos créditos há um acreditar. Há um investimento. Este investimento, esta intuição, é espiritual. (...) em 1888(,) nasceu também Fernando Pessoa, o “enigma em pessoa”. A maior parte das pessoas acha que Fernando Pessoa foi só escritor. Mas, não. Foi uma data de coisas ao mesmo tempo. Foi astrólogo, empresário, poeta, publicitário, tradutor, ensaísta, filósofo, crítico literário e comentarista político português. Aquela cabeça não parava, estava sempre a produzir, tinha sempre um filme fotográfico a rolar dentro dele.

(...)

Para ver o demo completo grátis do Capitalismo Verde e Inteligente dos Recursos de Jaime ou outros demos desta obra, na página dos Member Writers no site da Jupiter Editions www.jupitereditions.com vá à subpágina do autor Antoine Canary-Wharf e clique nos botões dos vários demos.

**O seu donativo é muito importante
para proteger a qualidade de
escrita do autor e não deixar o
espírito do autor morrer.**

**Não deixe o espírito deste autor
morrer.**

**Está nas suas mãos não deixar o
espírito deste autor morrer.**

**Faça um donativo ao autor para o
IBAN**

PT50 0010 0000 58544220001

ou MB WAY 965108603